

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCar

Centro de Educação e Ciências Humanas
Departamento de Letras

SARA REGINA JORGE BRAGA

O CONVÍVIO DE LÍNGUAS EM *CIUDAD DEL ESTE*, PARAGUAI

SÃO CARLOS – SP

2015

SARA REGINA JORGE BRAGA

O CONVÍVIO DE LÍNGUAS EM *CIUDAD DEL ESTE*, PARAGUAI

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras – Português e Espanhol como requisito para aprovação da disciplina de Tópicos de Pesquisa em Língua Espanhola e suas Literaturas (TCC2), sob orientação da Prof^a. Dr^a. Rosa Yokota

São Carlos – SP

2015

DEDICATÓRIA

Quero dedicar este trabalho inteiramente a meu avô Armando Jorge (*in memoriam*), que foi também pai, amigo, conselheiro, motivador e além de tudo, meu grande exemplo. Obrigada meu avô querido, por se orgulhar tanto de mim, por acreditar, e por sempre me mostrar o melhor caminho a seguir.

“La muerte no existe, la gente sólo muere cuando la olvidan; si puedes recordarme, siempre estaré contigo.” *Isabel Allende.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Universidad Nacional del Este – UNE, localizada em Ciudad del Este, Paraguai, por ter me recebido de braços abertos neste empreendimento que se tornaria a melhor experiência da minha vida. Meu intercâmbio ao Paraguai, que me motivou totalmente à construção deste trabalho; e também aos professores da Instituição que estiveram muito presentes durante meu semestre letivo, colocando-se disponíveis para qualquer ajuda necessária.

Um especial agradecimento aos participantes da pesquisa que originou este trabalho, pela disposição e por todo tempo despendido no processo de elaboração das entrevistas.

À querida orientadora Rosa Yokota por toda paciência, dedicação e orientação para que este trabalho fosse elaborado da melhor maneira possível. Também ao sempre solícito professor Antón Castro Míguez pela ajuda e pelas conversas sempre muito construtivas sobre o tema que seria desenvolvido.

Aos meus pais Sonelice e Donizete por todo apoio nestes cinco tumultuados anos de graduação, mas, principalmente pelo voto de confiança na decisão desta nova etapa de minha vida profissional.

Ao meu companheiro, amigo e maior incentivador, Daniel Cappellini, por todas as ideias, pelos conselhos e pela motivação de cada dia. Obrigada por acreditar em meu potencial!

E por fim, quero agradecer imensamente à minha “Família del Este”, meus companheiros de intercâmbio que me apoiaram e me incentivaram durante todo o processo de coleta de dados e informações para minha pesquisa. Aos que acompanharam o nascimento desta pesquisa, com tanto carinho, apoio e incentivo. São eles: Florencia de la Llana, Ileana Fankhauser, José Chambilla, Nadege Moreira e Thais Palhares.

EPÍGRAFE

“Cada língua é instrumento fundamental da criação, da manifestação e da transmissão de uma cultura, isto é, do conhecimento que um povo elabora sobre o mundo que o cerca e sobre si mesmo”.

Ayron D. Rodrigues

Resumo

Este trabalho tem como objetivo investigar a situação linguística do Paraguai, mais especificamente de Ciudad del Este. Através de entrevistas a um grupo de pessoas desta cidade, buscamos mostrar como é a relação dos participantes com as línguas que são oficiais no país, o castelhano e o guarani, e também, com o português, língua adicional bastante utilizada devido à grande circulação do comércio e da forte presença de brasileiros nesta região. Também visamos compreender a relação destas pessoas com o que se classifica como “yopara” (definição em castelhano) ou “jopará” (definição em guarani). Para entender como se formou a distribuição linguística da região, abordamos brevemente aspectos históricos, desde chegada de colonizadores europeus nessa região da América do Sul até os dias atuais no país. Da sociolinguística, tomaremos termos como “bilinguismo” e “diglossia” e analisaremos o caso da região de Ciudad del Este. Através de uma seleção de perguntas para compor um questionário, elaboramos algumas seções de entrevistas, nas quais almejamos compreender a importância dada por este grupo de pessoas às línguas faladas no país, e, mais especificamente, na cidade em que foi feita a coleta de dados desta pesquisa.

Palavras-chave: Bilinguismo, diglossia, Paraguai, castelhano, guarani, jopará.

Resumen

Este trabajo tiene el objetivo de investigar la situación lingüística de Paraguay, más específicamente de Ciudad del Este. A través de entrevistas a un grupo de personas de esta ciudad, buscamos mostrar cómo es la relación de los participantes con las lenguas que son oficiales en el país, el castellano y el guaraní, y también con el portugués, lengua adicional bastante utilizada debido a la gran circulación del comercio y de la fuerte presencia de brasileños en esta región. También visamos comprender la relación de estas personas con lo que se clasifica como “yopará” (definición en castellano) o “jopará” (definición en guaraní). Para entender como se ha formado la distribución lingüística de la región, abordamos brevemente aspectos históricos, desde la llegada de colonizadores europeos en esta región de América del Sur hasta los días actuales en el país. De la sociolingüística, tomaremos términos como “bilingüismo” y “diglosia” y analizaremos el caso de la región de Ciudad del Este. A través de una selección de preguntas para componer un cuestionario, elaboramos algunas secciones de entrevistas, en las cuales esperamos comprender la importancia dada por este grupo de personas a las lenguas habladas en el país, y, más específicamente, en la ciudad donde fue hecha la coleta de datos de esta investigación.

Palabras clave: Bilingüismo, diglosia, Paraguay, castellano, guaraní, jopará.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS

Figura 1: Mapa região Tríplice Fronteira	8
Figura 2: Mapa Ciudad del Este	8
Tabela Dados Participantes	18
Tabela Línguas Mencionadas	27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
APORTAÇÕES TEÓRICAS	4
Bilinguismo e Diglossia	4
Informações introdutórias sobre a situação linguística de Ciudad del Este	6
Breve histórico da situação linguística do Paraguai	6
O caso Ciudad del Este	8
Reforma Educativa Paraguaia	9
Jopará	14
METODOLOGIA	17
ANÁLISE DE DADOS	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
APÊNDICE	37

Introdução

Esta pesquisa pretende estudar como se dá o convívio de línguas em Ciudad del Este, Paraguai.

Os objetivos deste trabalho são, a partir de uma análise qualitativa de dados coletados em entrevistas baseadas em questionários, compreender como se dá a relação entre as línguas faladas pelas pessoas que foram selecionadas para responder ao questionário. A bibliografia consultada sobre o tema identifica que há diferença de prestígio social entre as línguas no país e autores como Meliá (1997) dizem que há uma relação diglósica¹ a partir do contato de línguas existentes no Paraguai, de forma geral. A partir de tal premissa, o estudo particular da realidade de Ciudad del Este nos pareceu relevante por ser um local em que a convivência entre línguas não se limita às línguas oficiais (guarani e castelhano), mas à presença de outras (principalmente o português) por ser uma região de fronteira e comércio.

O interesse por este tema deve-se a uma vivência de aproximadamente cinco meses nesta região, no ano de 2014, através de uma bolsa de estudos de intercâmbio da AUGM² – Programa Escala Estudantil³, o que proporcionou um contato direto com os idiomas aí falados.

Ciudade del Este, (em português, Cidade do Leste) é uma cidade e distrito do Paraguai, situada no extremo leste do país, às margens do rio Paraná. É a capital do departamento de Alto Paraná, e está localizada a 327 km de Assunção.

O Paraguai, país que possui atualmente um pouco mais de sete milhões de habitantes, segundo a Dirección General de Estadísticas, Encuestas y Censos (DGEEC), é considerado um país bilíngue. Segundo Bolaños (1982),

“El Paraguay es un país con una situación lingüística extraordinariamente especial en el ámbito hispanoamericano, ya que en él se ha logrado una verdadera paridad en el uso y el prestigio tanto del español como de la lengua indígena predominante, el guaraní. Encontramos en este caso particular que cada una de estas lenguas se utiliza en ciertos ámbitos perfectamente delimitados y que prácticamente todos los habitantes son bilingües y poseen la competencia que les permite seleccionar la lengua adecuada en la situación particular en que se requiere.”⁴

¹ Diglossia (do grego διγλωσσία, transl. *diglossía*, onde *di-* significa "duas vezes" e *glossa* ou, em ático *glotta*, "língua") é um termo cunhado pelo linguista grego Ioannis Psycharis, primeiramente em francês (*diglossie*), para designar a situação linguística em que, numa sociedade, duas línguas ou registros linguísticos funcionalmente diferenciados coexistem, sendo que o uso de um ou de outro depende da situação comunicativa.

² Associação de Universidades Grupo Montevideú

³ O Programa Escala Estudantil entre a UFSCar (Brasil) e a Universidad Nacional del Este (Paraguai) ofereceu, no ano de 2014, uma vaga para o curso de Letras que proporcionou meu intercâmbio.

⁴ “O Paraguai é um país com uma situação linguística extraordinariamente especial no âmbito hispanoamericano, já que nele se alcançou uma verdadeira paridade no uso e no prestígio tanto do espanhol como da língua indígena predominante, o guarani. Encontramos neste caso particular que cada uma destas línguas se utiliza em certos âmbitos perfeitamente delimitados e que praticamente todos os habitantes são bilíngues e

O país teve primeiramente o castelhano como língua oficial. Em 1967, o guarani passa a ser considerado língua nacional, porém somente em 1992 é classificado como também língua oficial do país, sendo a primeira língua indígena americana a alcançar o status de idioma oficial.

De acordo com o Censo realizado no ano de 2002, nesta época, foram contabilizados como bilíngues, 59% da população do país, sendo que 33% tinham o guarani como primeira língua, e 26% tinham o castelhano⁵ como primeira língua. Além disso, 35% foram considerados monolíngues, sendo 27% em guarani, e 8% em castelhano, sendo que a maioria dos monolíngues em guarani estão localizados nas zonas rurais, os outros 6% foram classificados como falantes de outras línguas indígenas. Porém, frente a estes resultados, torna-se importante destacar que entre os participantes do Censo que se autointitulam “monolíngues”, haverá uma forte tendência em substituir o guarani por uma construção linguística com fortes interferências do castelhano, que mais à frente será apresentada neste trabalho, como “jopará”.

Este é um panorama que se mantém atualmente no país, como um todo, podendo variar um pouco estatisticamente, de acordo com as regiões. Os falantes do guarani não são considerados indígenas, mas sim mestiços com cultura hispânica que se expressam em determinados contextos sociais, com a língua que lhes é conveniente/adequada.

Além de analisar o cenário geral do país, com seus casos de bilinguismo e diglossia, objetivamos também, apresentar um breve panorama do que se pretendeu com a Reforma Educativa de 1994, e em seguida, identificar como acontece o uso de diversas línguas na capital do departamento de Alto Paraná, Ciudad del Este, quais são estas línguas, e em quais contextos se dão seus usos. A partir de uma amostra coletada através de entrevistas a pessoas de variados níveis de escolaridade, cidade de nascimento e faixa etária, observaremos como será na prática, de acordo com cada necessidade, a adequação destas línguas.

Temos como objetivos, tentar responder às seguintes perguntas:

- Qual é a situação linguística de Ciudad del Este, Paraguai?

possuem a competência que lhes permite selecionar a língua adequada na situação particular que se requer” (tradução própria)

⁵ O termo 'castelhano' é usado em documentos oficiais em sete países: Bolívia, Colômbia, Equador, El Salvador, Paraguai, Peru e Venezuela.

- Em que circunstâncias os participantes da pesquisa realizada em Ciudad del Este optam pelo uso do castelhano ou guarani?

- Como estas pessoas fazem uso de uma terceira língua (não oficial), o português?

O trabalho se dividirá em três capítulos e suas subdivisões, que são: primeiramente, os aportes teóricas e suas respectivas subdivisões: História do Paraguai, momento no qual abordaremos alguns aspectos relacionados a questões históricas do país, como a chegada dos espanhóis e imposição de uma nova língua em um território que já possuía uma língua indígena. Bilinguismo e Diglossia, momento no qual aplicaremos os conceitos à situação linguística da localidade estudada. O caso Ciudad del Este, que possui, além das duas línguas oficiais do Paraguai, castelhano e guarani, o português, compreendido como língua adicional, sendo uma língua estrangeira que se faz necessária em uma determinada localidade, devido a sua importância, neste caso, para o comércio. Analisaremos também, o que diz a bibliografia existente sobre o jopará, entendido por alguns autores como uma mistura de duas línguas (o castelhano e o guarani) e para outros autores, classificado como uma terceira língua que surge no contexto do país de acordo com as necessidades de comunicação.

Na metodologia, utilizamos um questionário respondido por um grupo de pessoas durante a entrevista oral. O grupo de participantes da pesquisa vive na região de Ciudad del Este e faz uso de ambas línguas oficiais e, em alguns casos, do português.

A partir dos dados coletados, no capítulo 3 apresentamos a organização e análise dos mesmos e, finalmente, passamos às considerações finais.

1. APORTAÇÕES TEÓRICAS

1.1 Bilinguismo e Diglossia

Se tomarmos a seguinte definição de Weinreich (1953 apud Fernández, 1998) como sendo o bilinguismo “*la práctica de dos lenguas alternativamente*”, teremos a definição de qual é a atual situação do Paraguai. Este fenômeno é de grande complexidade, e se manifesta nas comunidades e nos indivíduos que dela fazem parte. O bilinguismo, além de ser um fenômeno complexo, implica em fatores linguísticos, sociológicos e psicológicos, mas também envolve fatores políticos e educativos.

De acordo com Siguán e Mackey (1990 apud Fernández, 1998) a educação bilíngue é o que compreende o sistema educativo no qual são utilizadas duas línguas como meio de instrução. As características da educação bilíngue variam de acordo com alguns fatores, podendo ser estes, os objetivos linguísticos do sistema educativo, ou o lugar das línguas no curriculum.

A educação bilíngue castelhano-guarani no Paraguai é um dos aspectos mais significativos e relevantes das mudanças curriculares propostas no quadro de Reforma Educativa no Paraguai, que teve início no país no ano de 1994.

O conceito de diglossia, trazido por Ferguson pela primeira vez em 1965, se refere a: “*situaciones sociolingüísticas en las que una variedad de una lengua se maneja principalmente para la comunicación familiar y cotidiana, y otra variedad de la misma lengua se usa para la comunicación formal, escrita y culta.*”⁶ (FERGUSON, 1965). Porém, Fishman (1982), apresenta um conceito um pouco mais amplo. Para ele, uma situação diglósica acontecerá sempre quando houver duas variedades linguísticas (que podem ser variedades da mesma língua, dialetos ou línguas diferentes) que poderão ser usadas de maneira diferente.

Ainda, para Fishman, no caso do Paraguai, a diglossia e o bilinguismo coexistem, já que grande parte da população maneja relativamente bem as duas línguas, sendo A, o castelhano, língua de maior prestígio, e B, o guarani, língua de menor prestígio. Ou seja, há uma relação entre língua dominante e língua dominada (FISHMAN, 1982)⁷. De acordo com Meliá (1986), a real situação do Paraguai atualmente deve ser considerada como diglossia e não como bilinguismo, já que não considera que ambas as línguas coexistam nos mais

⁶“Situaciones sociolingüísticas nas quais uma variedade de uma língua se desenvolve principalmente para a comunicação familiar e cotidiana, e outra variedade da mesma língua se usa para a comunicação formal, escrita e culta” (tradução própria).

⁷ Estudos de Hamel retomam os de Fishman e os discutem. Ver: HAMEL, R. H.; SIERRA, M. T. Diglosia y Conflicto intercultural: La lucha por un concepto o la danza de los significantes. Boletín de Antropología Americana. N. 8, diciembre de 1983, p. 89-110.

variados âmbitos com a mesma eficiência. Ainda, segundo ele, esta situação diglössica entre o castelhano e o guarani pode ser classificada em: Variedade alta (língua A – castelhano), e Variedade baixa (língua B – guarani). Conclui ainda que esta relação é resultado do processo colonial.

Tendo em vista o que foi citado anteriormente, podemos dizer que, de uma forma geral, o bilinguismo se restringe a uma caracterização da versatilidade linguística individual, enquanto a diglossia se resume a uma caracterização social das funções para as diferentes línguas ou variedades.

Existe uma divisão de funções entre língua A e língua B, de modo que em determinados âmbitos ou contextos sociais, somente A seja apropriada, e em outros, somente B, produzindo assim, uma sobreposição dos grupos que fazem uso destas línguas. O uso de A é apropriado em situações de sermões de igreja, em discursos políticos, em debates parlamentares, em palestras universitárias, nos meios de comunicação escrito e falado. Já o uso de B é apropriado na transmissão de ordens a empregados, nas conversas familiares e entre amigos, nas comédias e também na literatura folclórica.

Estas divisões estão tão bem delimitadas que o uso de uma língua ou outra em situações não adequadas pode ser prejudicial à pessoa que a utiliza.

No que diz respeito ao prestígio de ambas as línguas, os falantes desta comunidade diglössica estão de acordo no que diz respeito à classificação da língua A como de maior prestígio que a língua B.

Em relação à aquisição destas línguas em um ambiente diglössico, constata-se que a variedade B, mais utilizada em contextos informais, é adquirida como língua materna. Através de conversas informais, foi possível compreender que os paraguaios ensinam o guarani a seus filhos em casa, ou seja, a língua lhes é dada como uma herança que passa de pais para filhos. Já o castelhano, língua de maior prestígio, é adquirido através do processo de ensino-aprendizagem, durante a educação formal, seja em escolas privadas ou aquelas mantidas pelo governo. Esta diferenciação entre processo de aquisição e aprendizagem entre ambas as línguas proporciona que o usuário se sinta mais seguro em relação à língua B.

No que compete ao campo lexical, tanto A quanto B possuem uma grande quantidade de vocabulário, porém, em situações de diglossia, é comum que A apresente um léxico mais técnico e culto, que pode não aparecer em B. Da mesma forma que B dispõe de uma série de elementos referentes a aspectos populares e íntimos, que podem não estar presentes em A.

Esta relação é bastante clara no caso do país estudado, o Paraguai. Muitas palavras ou expressões do castelhano não possuem tradução no guarani, e vice-versa. É a partir desta “ausência” que surge no país uma junção peculiar, que se dá a partir da mistura do guarani com o castelhano e é denominada “yopará” ou “jopará”.

1.2. Informações introdutórias sobre a situação linguística de Ciudad del Este

1.2.1 Breve histórico da situação linguística do Paraguai

O território que atualmente corresponde ao Paraguai foi habitado primeiramente por índios guaranis, guaycurus e payaguás⁸. Em 1530, deu-se início à colonização espanhola, e à criação do forte de Nossa Senhora de Assunção (atual Assunção), como base da colônia no século XVI. A população nativa foi escravizada durante o século XVII, e, este fator impulsionou a realização de missões jesuíticas com o intuito de proteger e evangelizar os índios. Porém, estas foram reprimidas com violência por parte de colonizadores portugueses e espanhóis, que massacravam as comunidades indígenas.

Com a chegada dos colonizadores, se dá o processo de imposição do castelhano ao guarani, que era, até então, a língua falada pelos povos habitantes desta localidade.

Este processo, segundo Meliá (1997), acontece a partir de uma relação de domínio colonial, e, linguisticamente, derivará em uma situação de diglossia, que será abordada ao longo do trabalho. Há, naquele momento uma mestiçagem biológica que se instala com a colônia e se projeta na língua e na cultura. Ainda de acordo com Meliá, existem três definições para a língua guarani:

- o guarani missioneiro ou jesuítico, usado principalmente nas reduções ou missões jesuíticas, e, principalmente na elaboração de documentos escritos;
- o guarani falado pelos indígenas inicialmente ao momento da colonização; e
- o guarani paraguaio ou moderno, falado atualmente pela população. O guarani paraguaio é falado hoje em dia, por quase uma totalidade da população do país. A variante linguística do guarani depende da localização geográfica do falante, se está na área urbana ou rural.

⁸ O termo guaranis refere-se a uma das mais representativas etnias indígenas das Américas, tendo, como territórios tradicionais, uma ampla região da América do Sul que abrange os territórios nacionais da Bolívia, Paraguai, Argentina, Uruguai e a porção centro-meridional do território brasileiro. O termo guaicurus remete aos grupos indígenas cujas línguas pertencem à família linguística guaicuru. Eram famosos por serem uma tribo guerreira que se utilizavam de cavalos para as caçadas e ataques. Migraram para o território brasileiro, na região dos estados do Mato Grosso do Sul e Goiás, fugindo da colonização na região do norte do Paraguai. Os paiaguás são um grupo indígena, atualmente considerado extinto, que habitava a região do Alto Rio Paraguai. Também eram chamados de canoeiros. Disponível em: <http://www.turismonativo.org.br/etnias/guarani>

De acordo com Bolaños (1982), esta situação singular na qual se encontra o Paraguai, ou seja, esta situação do convívio e da presença de duas línguas oficiais no país, se remonta ao período de colonização espanhola, e alguns fatores são considerados como determinantes. São eles, a tardia colonização do território que engloba o Paraguai, Argentina e Uruguai, e a grande mestiçagem que ocorreu, devido à ausência de mulheres brancas entre os colonizadores, e ao fato de que esta região (contrariamente ao que ocorre em outras partes da América Latina), não dispõe de zonas mineiras; a este fator, deveu-se a estabilização dos espanhóis neste lugar, tornando-se além de conquistadores, pessoas que se dedicavam também à agricultura. A partir deste momento, passa a haver a relação reconhecida entre os espanhóis e as mulheres locais, com núcleos familiares e a geração de muitos filhos, o que aumentava a população e conseqüentemente a mão de obra disponível.

O idioma guarani é considerado língua majoritária em uma vasta área da América do Sul, e conta com uma particularidade, que é ser, diferentemente de outras línguas ameríndias, falada por uma população não totalmente indígena.

A língua está presente em um grande território, que compreende a República do Paraguai, o sul do Brasil, a região do Chaco Boliviano, províncias argentinas como Corrientes, Misiones, Formosa e Chaco, nordeste de Santa Fe e norte de Entre Ríos. Devido à forte imigração da população paraguaia, existe uma grande proporção de guarani falantes na grande Buenos Aires e também na cidade de Buenos Aires. Toda esta região, conforma o Mercosul, daí a importância da língua.

Alguns estudiosos como, por exemplo, Lustig (1996) classificam o guarani como “hipotético guarani puro”, no que se refere à forma como a língua é representada hoje em livros didáticos, em gramáticas e dicionários, cuja enganosa visão, segundo ele, parece orientar as tentativas de normalização e apoio oficial à língua. Porém, para muitos, o guarani não passa de um produto degenerado e um infeliz encontro de culturas e línguas.

O que se tem atualmente como língua de comunicação no país hoje, é o que é classificado como guarani paraguaio. Esta denominação de língua existente atualmente, surge no século XIX, momento no qual o camponês mestiço que, apesar de hispanizar-se, não abandona sua própria língua. No período de independência, dá-se início a um processo chamado de “injustiça linguística” (LUSTIG, 1996), que implica em uma relação de degeneração e dominação, referente ao guarani e castelhano, respectivamente e, conseqüentemente, para a classe que se utiliza daquela língua indígena para comunicação. É a partir daí que se entende o fenômeno chamado diglossia, que ocorre devido ao maior e menor prestígio de ambas as línguas faladas no Paraguai.

1.2.2 O caso Ciudad del Este



Figura 1: Mapa região tríplice fronteira



Figura 2: Mapa Ciudad del Este

Uma peculiaridade permeia a realidade linguística de Ciudad del Este, Paraguai, que se encontra localizada da região da “Tríplice Fronteira”, juntamente com as cidades Foz do Iguazú no Brasil, e Puerto Iguazú na Argentina. Devido à grande movimentação do comércio nesta localidade, o fluxo de pessoas oriundas de diversos países, é intenso.

Além da situação de diglossia citado anteriormente, que ocorre com as línguas castelhana e guarani, há nesta região a necessidade da comunicação em outras línguas, principalmente o português, devido ao comércio e à proximidade com o território brasileiro⁹.

Grande parte da população de Ciudad del Este sabe comunicar-se e desenvolver-se suficientemente bem em português, apesar de afirmarem nunca haver aprendido em situações formais de ensino, como escolas regulares ou cursos de idiomas. O processo de aquisição se dá no contato diário com brasileiros que vão a passeio ou até mesmo que trabalham no chamado micro centro da capital do estado. Outro meio que mantém a língua portuguesa presente no cotidiano paraguaio é a mídia. A maioria dos paraguaios, atualmente, tem acesso à TV brasileira, sem restrição, além da música que está presente em todos os lados da cidade. Este, de acordo com estas pessoas, é o fator preponderante para o processo de aprendizagem/aquisição da língua do país vizinho. Pode-se dizer que há uma aceitação razoavelmente grande da língua, por parte da população “*esteña*”¹⁰.

O português, sendo uma língua estrangeira neste país, aparece no contexto de Ciudad del Este devido à necessidade de comunicação entre os falantes pertencentes a esta comunidade e os falantes estrangeiros que, em alguns casos, estão presentes nesta região tanto como fazendo parte do grupo de trabalhadores brasileiros que desenvolve suas

⁹ Além das línguas já mencionadas, há também a recorrência de outras, como o árabe e o mandarim, devido à instalação de estrangeiros (principalmente árabes e chineses) que ali possuem comércio. Há também a circulação do alemão, devido à instalação de colônias alemãs na região.

¹⁰ Gentílico referente à pessoa que nasce em Ciudad del Este, Paraguai

atividades profissionais na cidade, como dos turistas de diversas localidades do país vizinho, que viajam até o local com o intuito de utilizar-se do comércio paraguaio. Nesta situação, classificaremos o português aí utilizado, como *língua adicional*, visto que, não é considerado língua materna, porém se torna indispensável aos falantes de outras línguas, devido a sua importância para o contexto no qual está presente. Ou seja, a língua está extremamente presente em determinada situação, e devido a isso, os indivíduos que fazem parte desta comunidade, veem no aprendizado desta, uma forma de inserir-se nos contextos dos quais ela faz parte.

Esta situação está clara no caso de Ciudad del Este, pois há a necessidade de aprendizagem ou aquisição da língua adicional, devido à grande influência que ela possui sobre a região de fronteira. Os paraguaios que aí vivem, em sua grande maioria, articulam-se muito bem em algumas habilidades da língua, principalmente no que diz respeito à compreensão auditiva e produção oral. Porém, a partir de uma breve observação, partindo de um contexto real de uso da língua, é possível constatar que existe ainda uma dificuldade na produção escrita. Isto se deve ao fato de que estes falantes não passam por um processo formal de aprendizagem.

1.3 Reforma Educativa Paraguaia

Segundo a equipe técnica da Direção de Curriculum e Direção Geral de Desenvolvimento Educativo do MEC do Paraguai, a implementação da educação bilíngue no país é fundamentada em quatro fatores. São eles:

Os dados proporcionados pelo “Censo Nacional de Población y Viviendas” sobre a distribuição do uso das línguas no país.

O Censo realizado em 1992 apresentava um questionamento sobre a língua utilizada no ambiente familiar. De acordo com os dados deste Censo, em metade dos lares entrevistados, se usa o castelhano e o guarani, em mais ou menos 7% somente o castelhano, em 3% somente o guarani e em 6% outras línguas (outras línguas indígenas e línguas de imigrantes).

Por outro lado, o censo realizado dez anos mais tarde, em 2002, apresentava perguntas mais individuais sobre a língua utilizada por cada participante, no ambiente familiar. Os resultados apresentados foram: 59,2% se classificou como falante de guarani, 35,7% falante de castelhano e 5,1% falante de outras línguas. No perímetro urbano, 42,9% se

declarou falante de guarani, 54,7%, falante de castelhano, e 2,4% falante de outras línguas. Já no setor rural, 82,7% se considera falante de guarani, 8,4% de castelhano, e 8,9% falante de outras línguas.

A realidade linguística paraguaia nos mostra uma grande maioria de crianças no início da vida que se deparam diretamente com ambas as línguas, e em muitos casos, a aquisição acontece simultaneamente. E educação tem o intuito de se “aproveitar” desta realidade, de que estas crianças possam construir e compreender conceitos pertencentes a dois códigos.

A consideração do castelhano e do guarani como línguas oficiais do Estado Paraguai.

A Constituição Nacional, sancionada em 1992, declara no artigo 140: *“El Paraguay es un país pluricultural y bilingüe. Son idiomas oficiales el castellano y el guaraní. La ley establecerá las modalidades de utilización de uno y otro. Las lenguas indígenas, así como las de las otras minorías forman parte del patrimonio cultural de la Nación”*.¹¹

As disposições legais com relação à obrigatoriedade do ensino na língua materna.

A Constituição Nacional, no artigo 77, dispõe: *“La enseñanza en los comienzos del proceso escolar se realizará en la lengua oficial materna del educando. Se instruirá, asimismo, en el conocimiento y en el empleo de ambos idiomas oficiales de la República. En el caso de las minorías étnicas cuya lengua materna no sea el guaraní, se podrá elegir uno de los dos idiomas oficiales”*.¹²

A lei 28/92, no artigo 1, estabelece: *“Es obligatoria la enseñanza de las lenguas oficiales, castellano y guaraní, en todos los niveles del sistema educativo paraguayo: primario, secundario y universitario”*.¹³

A lei Geral de Educação, sancionada em 1998, no capítulo referido à educação formal, estabelece no artigo 31: *“La enseñanza se realizará en la lengua materna del*

¹¹ “O Paraguai é um país pluricultural e bilingue. São idiomas oficiais o castelhano e o guarani. A lei estabelecerá as modalidades de utilização de um e outro. As línguas indígenas, assim como as das outras minorias formam parte do patrimônio cultural da Nação.” (Tradução própria)

¹² “O ensino nos inícios do processo escolar se realizará na língua oficial materna do educando. Se instruirá, desta forma, no conhecimento e no emprego de ambos idiomas oficiais da República. No caso das minorias étnicas cuja língua materna não seja o guarani, será possível escolher um dos dois idiomas oficiais.” (Tradução própria)

¹³ “É obrigatório o ensino das línguas oficiais, castelhano e guarani, em todos os níveis do sistema educativo paraguaio: primário, secundário e universitário.” (Tradução própria)

*educando desde los comienzos del proceso escolar o desde el primer grado. La otra lengua oficial se enseñará también desde el inicio de la educación escolar con el tratamiento didáctico propio de una segunda lengua”.*¹⁴

Tratamento do bilinguismo no curriculum anterior à Reforma Educativa (1973 – 1993)

A Educação Bilíngue implementada no curriculum anterior é pautada em um modelo de transição. Como objetivos gerais, se refletiu atingir uma atitude positiva frente ao bilinguismo nos diferentes níveis da vida nacional e proporcionar ao aluno monolíngue guarani-falante uma oportunidade educativa atendendo a suas características linguístico-culturais. Dentro desta proposta, o guarani e o castelhano são usados para a comunicação oral (escutar e falar) no primeiro ciclo, ao passo que para ler e escrever, se utiliza somente o castelhano. A medida em que o aluno que seja monolíngue em guarani, adquira habilidade para desenvolver-se em castelhano, o uso deste idioma no processo de ensino-aprendizagem é intensificado.

A educação bilíngue firmada no Paraguai é entendida como um processo planejado de ensino de duas línguas, o que significa que a educação bilíngue não se limita somente ao ensino das duas línguas oficiais, mas sim que implica na utilização de ambas as línguas como veículos de transmissão de conteúdo das outras áreas do conhecimento.

Considerando a situação linguística do Paraguai, a língua materna (L1) é compreendida como aquela na qual a criança tem maior competência oral ao ingressar na escola (pode ser neste caso o castelhano ou guarani), e por outro lado, a segunda língua (L2) é entendida como aquela na qual a criança tem menor competência (castelhano ou guarani).

Seja a língua materna o castelhano ou o guarani, nos anos iniciais (crianças entre 6 e 8 anos), o ensino bilíngue se realiza em duas modalidades: para os falantes de castelhano e para os falantes de guarani.

Esquematização dos anos escolares:

No que é chamado de primeiro ciclo, que compreende crianças de 6 a 8 anos então, é utilizada a língua materna (L1) como língua ensinada, e como língua de ensino em

¹⁴ O ensino se realizará na língua materna do educando desde os começos do processo escolar ou desde o primeiro grau. A outra língua oficial se ensinará também desde o início da educação escolar com o tratamento didático próprio de uma segunda língua. ” (Tradução própria)

todas as áreas de ensino, sendo que a segunda língua (L2) é utilizada como língua ensinada na área de comunicação.

No período correspondente ao segundo ciclo, com crianças na faixa etária de 9 a 11 anos, é utilizada a L1 como língua ensinada e como língua de ensino em todas as áreas de estudo. Já a L2 é utilizada como língua ensinada e como língua de ensino em algumas áreas de estudo.

No terceiro ciclo, que compreende a faixa etária de 12 a 14 anos, há a utilização do castelhano e do guarani como línguas ensinadas e línguas de ensino em todas as áreas de estudo.

Pode-se então afirmar que, o ensino bilíngue propriamente dito, se realiza com plenitude no que compreende o terceiro ciclo, sempre que forem desenvolvidas com eficiência as competências linguísticas e comunicativas em castelhano e guarani nos ciclos anteriores.

1.4 Jopará

O Yopará ou Jopará¹⁵ é uma das grandes interrogações no que diz respeito à realidade linguística do Paraguai. Por mais de meio século vem se tentando defini-lo, e também surgem novas definições, tanto complementárias em certos casos, como também contraditórias. Desde os primeiros registros em dicionários, temos a palavra jopará como sinônimo de “mistura”, em guarani. Nos dicionários bilíngues dos padres jesuítas Ortiz Mayans (1941 apud Penner, 2007), y Javier Pesatta y Osuan (1950 apud Penner, 2007), o termo aparece relacionado à culinária, como um novo significado para a palavra. Porém, o padre jesuíta Guasch (1948 apud Penner, 2007), em nenhum momento faz associações ao alimento que leva o mesmo nome.

Posteriormente, em uma nova edição, Guasch (1948 apud Penner, 2007) associa a “língua” (yopará) a uma imagem pejorativa, como cita: “hablar jopará es hablar mal y saber mal el guaraní”¹⁶. Segundo Guasch, (1948 apud Penner, 2007) as pessoas que falavam o yopará não sabiam nem o guarani, tampouco o castelhano.

¹⁵ *Yopará* (castelhano) ou *jopará* (guarani) é um termo com o qual comumente se caracteriza a uma grande parte da fala, principalmente coloquial, utilizada no Paraguai. Costuma-se dizer que é resultante da fusão morfo sintática, gramatical e semântica do idioma guarani com o castelhano. O termo procede do guarani e significa literalmente mistura. Disponível em: <http://www.sociodialecto.com.br/edicoes/18/08082014100332.pdf>. Adotaremos, a partir de agora, somente o termo *Jopará*.

¹⁶ Falar jopará é falar mal e saber mal o guarani.

O uso desta categoria (cuja definição não foi estabelecida até os dias atuais) não é um fenômeno novo, e desde a época colonial existe uma relação com o mau uso de uma e outra língua. Um dos testemunhos vem do padre Dobrizoffer (1967 apud Penner, 2007):

Todo el vulgo, aun las mujeres de rango, niños y niñas, hablan guaraní como su lengua natal, aunque los más hablan bastante bien el español. A decir verdad, mezclan ambas lenguas y no entienden bien ninguna. Pues después que los primeros españoles se apoderaron de esta provincia, que antes estaba habitada por los carios o guaraníes, tomaron en matrimonio las hijas de los habitantes por falta de hijas españolas y por el trato diario los maridos aprendieron el idioma de las esposas y viceversa, las esposas de los maridos, pero, como suele ocurrir generalmente cuando aún en la vejez se aprende idiomas, los españoles corrompían miserablemente la lengua india y las indias la española. Nació así una tercera lengua o sea la que usan hoy en día. (Dobrizhoffer [1784], 1967 I: 149-150)¹⁷

Apesar de sua nacionalidade (checo-austríaco), Dobrizhoffer (1967 apud Penner, 2007) falava também o castelhano, e tinha grande capacidade de discernir “erros” na fala dos falantes nativos.

Dentre muitas das definições encontradas para o yopará, aparecem: “guarani com interferência”, “língua”, “dialeto”, “terceira língua”, “interlíngua”, dentre outras. Alguns estudiosos como, por exemplo, Meliá (1988), não a consideram como uma terceira língua, mas sim como o resultado de duas línguas em contato que coexistem por quatro séculos, e podendo em alguns casos também ser chamada de “guarani paraguaio”. Esta “língua”, ou resultado de uma junção de línguas, não se forma a partir do guarani missioneiro (advindo das missões jesuíticas no século XVII), mas sim, possui suas raízes no século XIX. Sua constituição está relacionada ao camponês “mestiço” que, apesar de que se “hispanize”, não deixa de lado sua língua própria.

De acordo com Hedy Penner (2007), o jopará pertence à realidade linguística do Paraguai e “designa un producto lingüístico o una forma de hablar, en la cual intervienen de alguna manera dos códigos lingüísticos, el guaraní y el castellano”¹⁸. Por muito tempo se vem tentando uma definição clara e objetiva para este produto linguístico.

Ainda segundo Penner (2007):

Cuanto más se discute acerca de lo que es o no es el jopara, más se apoya la existencia del guaraní. De tal manera que definir el jopara implica también definir el

¹⁷ Tudo o que é vulgar, inclusive as mulheres de classe, meninos e meninas, falam guarani como sua língua natal, apesar de que o mais, falam bastante bem o espanhol. Para dizer a verdade, misturam ambas as línguas e não entendem bem nenhuma. Pois depois que os espanhóis se apoderaram desta província, que antes estava habitada pelos carios e guaraníes, se casaram com as filhas dos habitantes por falta de filhas espanholas, e pelo convívio diário os maridos aprenderam o idioma das esposas, e vice-e-versa, as esposas o dos maridos, mas como costuma acontecer geralmente, quando ainda na velhice se aprende idiomas, os espanhóis corrompiam miseravelmente a língua indígena e a língua indígena a espanhola. Nasceu assim, uma terceira língua, ou seja, a que usam hoje em dia. (Tradução própria)

¹⁸ Designa um produto linguístico ou uma forma de falar, na qual intervêm de alguma maneira, dois códigos linguísticos, o guarani e o castelhano (tradução própria)

guaraní. Mientras no se aboque la tarea de saber lo que es el guaraní actual, tampoco se podrá saber lo que es el jopara. Pero esta tarea involucra buscar hechos lingüísticos, antes que sociales. (PENNER, 2007)¹⁹

Ainda de acordo com Penner (2007), a língua indígena atualmente nomeada como “hipotético ‘guarani puro’”, que corresponde à língua encontrada em manuais de ensino, livros didáticos, gramáticas e dicionários, é permeada por uma visão um tanto quanto equivocada ou enganosa, que objetiva muitas vezes uma tentativa de normalização e apoio oficial à língua, porém, em vão.

Temos ainda, o termo “guarani paraguaio”, considerado uma língua que, através da história, derivou do guarani vernáculo, e que foi submetido a uma grande e crescente penetração do idioma espanhol, que não chegou a destruir sua estrutura. Autores como Rodríguez (2002, apud Penner, 2007) dizem que este é um outro termo para o que se nomeia como jopará:

“La variedad del guaraní jesuítico y [del guaraní] paraguayo, como vimos, son muy diferentes, realidad que viene ya desde inicio del proceso en el cual se fueron constituyendo. El guaraní paraguayo —jopará o jehe’a— es una lengua muy mezclada con el español y es rechazada en los discursos normativistas predominantes, incluso entre los responsables de la Reforma Educativa, según los cuales, los paraguayos “hablan mal” su propia lengua. El guaraní adoptado por la política lingüística, por lo tanto, no es el jopará, sino una norma diferente e incomprensible para la mayor parte de hablantes paraguayos de guaraní. (Rodríguez, 2002: 18)”²⁰

Esta afirmação de Rodríguez traz à tona um questionamento no que tange à idealização que se tem a respeito do guarani. O que chama a atenção nesta citação do autor, é que, a língua indígena, oficial no país por mais de duas décadas é citada por ele como incompreensível para a maioria dos paraguaiois. E esta afirmação pode parecer um tanto quanto contraditória, se pensamos que mais da maioria da população é fluente também no guarani. Porém, o que ele parece querer ressaltar, é que, a língua oficial, que segue os padrões da normatização, presente em documentos oficiais, em materiais escolares, dicionários e gramáticas, não é a mesma falada por essa maioria, e presente nos âmbitos informais, das relações sociais. Esta “língua”, é o jopará. É a mistura de dois mundos e duas culturas fundidas para facilitar os enunciados produzidos por estas pessoas. Porém, um paraguaio,

¹⁹ Quanto mais se discute sobre o que é e o que não é o yopará, mais se apoia a existência do guarani. De tal maneira que definir o yopará implica em definir o guarani. Enquanto não se alcance a tarefa de saber o que é o guarani atual, tampouco se poderá saber o que é o yopará. Mas esta tarefa envolve buscar fatos linguísticos, antes que sociais. (Tradução própria)

²⁰ “A variedade do guarani jesuítico e [do guarani] paraguaio, como vimos, são muito diferentes, realidade que vem já desde o início do processo no qual se foram constituindo. O guarani paraguaio – jopará ou jehe’a – é uma língua muito misturada com o espanhol e é rejeitada nos discursos normativistas predominantes, inclusive entre os responsáveis da Reforma Educativa segundo os quais, os paraguaiois “falam mal” sua própria língua. O guarani adotado pela política linguística, portanto, não é o jopará, e sim uma norma diferente e incompreensível para a maior parte dos falantes paraguaiois de guarani.” (Tradução própria)

considerado bilíngue, ao ser questionado sobre quais línguas é capaz de falar com fluência, dificilmente incluirá o jopará (como será mostrado mais a frente, no item “metodologia”, a partir dos resultados obtidos com entrevistas a um grupo de pessoas em Ciudad del Este, Paraguai.), mas sim, o guarani. Mas é de certa forma, bastante raro, e esta realidade está muito clara nos grandes centros do país, que os falantes de guarani se utilizam em quase a totalidade de suas falas, a língua sem interferências do castelhano. Mas, ainda assim, a língua indígena aparece como pertencente ao seu cotidiano.

Esta realidade talvez tenha muito a ver com uma idealização que se tem hoje, sobre as línguas faladas no Paraguai. Com o tempo o jopará vai se tornando cada vez mais frequente na vida dos falantes, inclusive do homem do campo, que precisa estar a par de ambas as línguas, quando deixa sua região para construir-se profissionalmente na cidade. Esta mudança exige uma “adaptação” que acontecerá com a inserção do castelhano no seu dia a dia. Então, a partir daí, há a produção do que seria esta mistura de línguas, e não mais, somente da língua materna, o guarani. Mas talvez este processo seja algo inconsciente, pois em alguns casos as pessoas não se dão conta de que a língua na qual estão se comunicando nos contextos mais informais e familiares, não é a língua vernácula, guarani, fruto da valorização da cultura e identidade paraguaia, mas sim, um guarani diferenciado, com a presença de “estranhos” códigos pertencentes à língua do colonizador, que em um primeiro momento, passou por uma grande resistência, mas que agora se faz necessária para a sobrevivência.

Este resultado de mistura de línguas, denominado jopará, está muito presente na fala do paraguaio, portanto, falar que a língua indígena é para muitos, incompreensível, é de certa forma, uma afirmação verídica, pois muitos paraguaios, apesar de que ela seja oficial e ensinada nas escolas, aprenderam palavras soltas ou frases e expressões no próprio trato familiar, sem um contexto formal. E a partir daí, pode-se dizer também, que, as situações do cotidiano, como, por exemplo, ambiente de trabalho, ambiente escolar, relações um pouco mais formais, exigem um conhecimento mais amplo na língua do colonizador. E isso leva cada vez mais, à necessidade do domínio desta língua.

O guarani paraguaio (entendido aqui como o que se tornou o jopará) tem suas raízes no século XIX e é considerado hoje que tem uma precária oficialidade, pois como já mostrado anteriormente, nos dados baseados no Censo realizado em 2002, que entre os paraguaios que se categorizaram como monolíngues em guarani, há uma forte tendência em substituí-lo pelo jopará. (LUSTIG, 1996). Ou seja, que talvez em um discurso produzido por um paraguaio, falante de ambas as línguas, castelhano e guarani, este, ao mencionar a

segunda língua, talvez não a esteja produzindo de fato, mas sim, produzindo algo que resultaria em uma mistura entre ambas línguas.

Podemos concluir previamente que está claro que não há uma definição correta do que é e do que não é o jopará, e que, como citado anteriormente, quanto mais se discute sobre a existência desta “língua”, mais se sabe da existência da própria língua indígena.

Apesar de que ao princípio as definições relacionadas ao jopará eram todas de cunho pejorativo, à medida que se começa a trabalhar com o comportamento social em relação à língua, as definições passam a perder a conotação negativa, e quanto mais se busca saber sobre o jopará, mais se sabe sobre o que é o guarani.

Dentre as definições do que seria o jopará, surgem: terceira língua, dialeto, variante, etc., porém, de acordo com Penner (2007), este seria, desde um ponto de vista linguístico, tudo o que é reproduzido, e que contenha elementos “da outra língua”, ou seja, em um discurso produzido em castelhano, se houver elementos do guarani, poderá ser classificado como jopará e vice-e-versa. Porém, para muitos, esse resultado chamado jopará acaba sendo um produto de um mau encontro entre culturas e línguas diferentes.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa se restringe a um pequeno grupo de sujeitos de um local específico, ou seja, trata-se de uma pesquisa inicial cujos resultados não devem ser generalizados. Em razão do número restrito de participantes e das características dos dados, trata-se de uma pesquisa qualitativa.

2.1. Instrumento de coleta de dados e sua aplicação

Para a coleta de dados, utilizamos como instrumentos um questionário (roteiro) previamente preparado, e posteriormente, uma entrevista oral gravada, baseada no roteiro elaborado. Através destes instrumentos, foram coletadas informações gerais dos habitantes de Ciudad del Este, como idade, profissão, cidade onde vive, cidade de origem, nível de escolaridade e idiomas que fala. O direcionamento das perguntas tinha como objetivos: (1) compreender questões que envolvem o aprendizado de ambas as línguas oficiais do país, o castelhano e o guarani; (2) compreender de que forma dá o uso de uma ou outra língua e quais as crenças dos falantes em relação a isto; (3) compreender quais outras línguas os participantes da pesquisa de Ciudad del Este manejam bem e (4) porque acreditam que estas são importantes na região em que vivem.

Para isto, foram criadas perguntas que direcionavam o entrevistado a explicitar seus pensamentos e crenças em relação aos usos das línguas.

O questionário foi criado a partir de um conhecimento prévio de quais são as línguas oficiais do Paraguai. A partir daí o entrevistado responderia de forma particular, quais línguas usa em cada situação específica, se é fluente em algum outro idioma, etc.

Com a utilização de um gravador de voz, demos início às entrevistas, que ocorreram entre os meses de maio, junho e julho de 2014, sempre feitas em locais tranquilos, reservados, sem muita interferência de ruídos ou entrada e saída de pessoas, que pudessem interferir na concentração de ambos, entrevistador e entrevistado. As entrevistas aconteceram na maioria das vezes, em ambientes informais como a residência universitária e o próprio comércio da região, e em alguns dos casos em um ambiente de maior formalidade, como é o caso da universidade. Com o apoio de um questionário impresso, foram realizadas as dez perguntas, podendo variar o tempo de entrevista entre vinte e trinta minutos, de acordo com a extensão de cada uma das repostas.

Ao término de todas as dez entrevistas, todas elas foram escutadas algumas vezes, e, após este procedimento, transcritas uma a uma, de modo a facilitar os próximos procedimentos. As transcrições foram feitas em um período de aproximadamente dois dias. Cada áudio foi ouvido algumas vezes, e a partir daí, passavam a ser pausados trecho por trecho, para que pudesse ser compreendido e passado para o computador. A transcrição seguiu as normas ortográficas do espanhol, mas não foi usada nenhuma norma específica para transcrição de entrevistas orais.

2.2 Participantes da pesquisa

Foram selecionadas dez pessoas, escolhidas ²¹aleatoriamente, de diferentes níveis sociais, faixa etária e nível de escolaridade.

Apresentamos a seguir um quadro que sintetiza os dados dos participantes da pesquisa. Por razões éticas, os nomes foram codificados.

Nome	Idade	Profissão	Cidade Atual	Cidade Nascimento	Estudos	Línguas que fala
A.R.	43 anos	Mecânico	Ciudad del Este	San Miguel de Iguazu	3º Ensino Médio	Guarani, castelhano e português
B. D.	40 anos	Técnico informática	Ciudad del Este	Ciudad del Este	2º ano Pedagogia	Guarani, castelhano e português
C. M. C.	28 anos	Comerciante	Ciudad del Este	Ciudad del Este	3º ano Engenharia	Castelhano, guarani e português
E. B. E.	21 anos	Operadora de computador	Ciudad del Este	Juan E. O'Leary	4º ano Letras	Castelhano e guarani
E. F. S.	23 anos	Estudante Direito	Ciudad del Este	Itakyry	4º ano Direito	Castelhano, português e guarani
J. C. A.	56 anos	Comerciante	Ciudad del Este	General Artigas	6º ano Ensino Fundamental	Guarani e castelhano
L. R. G.	17 anos	Estudante	Ciudad del Este	Ñacunday	1º ano Engenharia Elétrica	Castelhano, guarani e português
N. E. L. B.	30 anos	Jornalista	Ciudad del Este	Assunção	Jornalismo completo	Castelhano, guarani, português e inglês
P. C. M.	43 anos	Docente	Presidente Franco	Concepción	Universitario	Guarani, português e castelhano
V. H. E. V.	23 anos	Estudante	Ciudad del Este	Ciudad del Este	4º ano Direito	Guarani, castelhano e português

Observação: A ordem das línguas no quadro obedece à ordem de domínio da língua de acordo com o entrevistado.

²¹ As escolhas dos participantes da pesquisa, apesar de não ter sido antecipadamente programada para atender aos quesitos das entrevistas de trabalhos de sociolinguística (sexo, idade, grau de instrução, etc), se deram de acordo com alguns quesitos, como por exemplo, a proximidade com meu local de residência e a universidade, devido a um maior contato com colegas e professores, e também as relações estabelecidas com os grupos de colegas que viviam na localidade. A coleta não se restringiu ao público universitário, porém é importante registrar que a participação em uma pesquisa não foi aceita por todas as pessoas abordadas e os participantes que deram as entrevistas que formam parte deste corpus foram aqueles que aceitaram e deram sua autorização para o uso do material para fins de pesquisa acadêmica.

3. ANÁLISE DE DADOS

A partir das respostas destas dez pessoas entrevistadas, foi possível chegar a algumas considerações em relação aos usos das línguas em Ciudad del Este.

A seguir listaremos os itens questionados nas perguntas e algumas respostas dos participantes que foram relevantes para a compreensão das relações linguísticas do Paraguai. As perguntas que fizeram parte do questionário encontram-se no apêndice deste trabalho.

Organizamos os fragmentos das respostas nas seguintes categorias:

- Sobre qual língua utiliza com mais frequência;
- Sobre como foi o aprendizado da língua indígena;
- Sobre em quais situações usa uma ou outra língua;
- Sobre quais outras línguas são importantes em uma região de fronteira, e como se deu este aprendizado;
- Sobre a opinião de cada entrevistado em relação à língua indígena.

3.1. Sobre qual língua utiliza com mais frequência.

A.R. *“El guaraní uso con más frecuencia, porque en Paraguay se usa mucho.”*

C.M.C. *“Uso el español con más frecuencia.”*

B.D. *“Uso el castellano con más frecuencia.”*

E.B.E. *“Utilizo más el guaraní dependiendo con la gente con quien esté hablando.”*

E.F.S. *“Uso el castellano con más frecuencia.”*

J.C.A. *“Acá se usa más el castellano debido a los estudiantes de la facultad. Pero en mi casa solo se habla en guaraní.”*

L.R.G. *“Anteriormente, estando por mi pueblo, usaba más el guaraní para comunicarme con mis vecinos y mis amigos. Pero me doy cuenta que por Ciudad del Este se utiliza menos, entonces hablo más en castellano. En mi pueblo se habla el castellano, pero más el guaraní.”*

N.E.L.B. *“Uso el castellano con más frecuencia, pero también con una mezcla con el guaraní (jopará). A la hora de ejercer la profesión se utiliza el castellano.”*

P.C.M. *“En un porcentaje estimativo, hablo 60 % el español y 40 el guaraní.”*

V.H.E.V. *“El castellano lo uso con más frecuencia, porque fue la lengua que me enseñaron desde chico.”*

Das dez pessoas entrevistadas, oito afirmam utilizar o castelhano com maior frequência, seja pelo trabalho (N.E.L.B.), seja porque vive em uma região na qual não se

utiliza somente o guarani, sem interferências do castelhano, como acontece nas cidades mais afastadas. (L.R.G.). Apenas A.R. e J.C.A. assumem a postura de que o guarani é utilizado com mais frequência. O primeiro justifica este fato como sendo o guarani uma língua de identidade do país, já que afirma que no país se usa esta língua pelo simples fato de que ela represente a identidade paraguaia. O segundo afirma que utiliza o castelhano com os universitários que frequentam seu comércio (devido à localização, próximo à universidade), porém diz claramente que em sua casa o que predomina é a língua indígena. Esta afirmação nos faz pensar sobre o fato de que os universitários, geralmente mais jovens, compreendendo uma faixa etária de 18 a 25 anos mais ou menos, não falam o guarani, pois o participante afirma que somente faz uso da língua castelhana com estas pessoas. É possível notar que o participante faz um grande esforço para que aconteça a comunicação com os jovens, pois ao dizer que em seu ambiente familiar somente se fala em guarani, deixa claro tamanho domínio e identificação que possui com a língua indígena.

L.R.G., em sua fala, deixa bastante evidente a diferença entre o uso das línguas em uma cidade pequena, (“pueblo”) e na cidade grande. Ou seja, o guarani ainda está bastante presente nas cidades pequenas e mais afastadas do país. Os habitantes dos grandes centros acabam usando de certa forma um pouco menos o guarani, visto que optam por fazer uso do castelhano para que possam beneficiar de melhores oportunidades, envolvendo principalmente o lado profissional. O comentário deste participante da pesquisa, nos mostra uma mudança brusca pela qual este passou ao deixar a cidade natal e mudar-se para a cidade grande, como citado no texto. E, neste momento, o participante deve abrir mão de sua própria identidade como paraguaio/paraguaia, abdicando de usar com mais frequência o que considera sua língua materna.

V.H.E.V., ao dizer que o castelhano é “a língua que lhe ensinaram desde criança” deixa claro que sua língua materna é o castelhano. Percebemos neste caso uma relação de afeto com a língua em questão. Pois, se levarmos em conta que tanto o castelhano quanto o guarani são línguas oficiais, e passadas de geração para geração, compreende-se que ambas deveriam ter a mesma importância para os falantes desta língua. Porém, por algum motivo que não aparece claramente na resposta do participante, entendemos que existe uma relação estrita com a língua, com a qual ele se identifica.

Estas respostas demonstram claramente que existe sim esta relação diglósica, na qual percebe-se uma divisão de funções das duas línguas. Ou seja, a relação língua dominante e língua dominada (FISHMAN, 1982) está bastante presente. Os âmbitos que permeiam as

relações sociais no país estão bastante divididos, e por questões de adequações os sujeitos falantes acabam adaptando uma ou outra língua para determinados contextos.

3.2. Sobre como foi o aprendizado do guarani.

A.R. *“Por la convivencia con otros paraguayos y en la escuela también.”*

B.D. *“Con mi familia”*

C.M.C. *“Porque desde chiquita, todos hablaban en guaraní conmigo.”*

E.B.E. *“El guaraní es mi lengua materna.”*

E.F.S. *“En la escuela, en la convivencia con otras personas, en la calle. Escuché por primera vez en la escuela, con los otros niños.”*

J.C.A. *“En la casa, con la familia cuando niño.”*

L.R.G. *“Escuchando, y en la escuela se nos enseñó. En mi casa también. Mi mamá habla menos porque vino de otra ciudad del país, pero en el interior se habla con más frecuencia el guaraní.”*

N.E.L.B. *“En la casa en los tratos con los padres. Generalmente el paraguayo aprende más en la casa. Es algo innato. Si o si alguien aprende, o porque hablan los padres, o los tíos, o los abuelos.”*

P.C.M. *“Provengo del interior, por lo tanto aprendí hablando.”*

V.H.E.V. *“Aprendí un poco por la familia, pero más por la calle.”*

Ao analisarmos os dados coletados a partir desta pergunta, podemos observar que os participantes A.R., B.D., C.M.C., J.C.A., N.E.L.B. e V.H.E.V., afirmam haver aprendido o guarani em contextos informais, como por exemplo no âmbito familiar, na rua, ou até mesmo com os amigos. Já os participantes E.F.S. e L.R.G. afirmam haver aprendido pelo menos um pouco da língua em ambiente escolar. Se levarmos em consideração que ambos possuem 23 e 17 anos respectivamente, podemos fazer uma relação com o ano de 1994, que é quando o guarani passa a ser implementado no sistema educacional paraguaio, tendo seu ensino obrigatório da escola.

É interessante observar a resposta de E.B.E., que afirma que o guarani é sua língua materna. Vemos neste fragmento, tamanha importância dada à língua pela participante. Embora saibamos que ambas as línguas são ensinadas às crianças desde muito cedo, no caso desta participante, o ensino do guarani lhe pareceu mais significativo, visto que o considera

como sua língua materna, e não o castelhano. Abaixo, um fragmento do documento do Ministério da Educação e Cultura do Paraguai, que traz os artigos que mostram a obrigatoriedade do ensino de ambas as línguas, o guarani e o castelhano:

Las disposiciones legales con relación a la obrigatoriedad de la enseñanza en lengua materna.

La Constitución Nacional, en su artículo 77, dispone: “*La enseñanza en los comienzos del proceso escolar se realizará en la lengua oficial materna del educando. Se instruirá, asimismo, en el conocimiento y en el empleo de ambos idiomas oficiales de la República. En el caso de las minorías étnicas cuya lengua materna no sea el guaraní, se podrá elegir uno de los dos idiomas oficiales*”.

La Ley 28/92, en su artículo 1, establece: “*Es obrigatoria la enseñanza de las lenguas oficiales, castellano y guaraní, en todos los niveles del sistema educativo paraguayo: primario, secundario y universitario*”.²²

3.3. Sobre em quais situações usa uma ou outra língua:

A.R. “*Cuando estamos hablando de alguien que no puede entender, hablamos el guaraní.*”

B.D. “*El castellano en el cotidiano, el guaraní para socializar.*”

C.M.C. “*Con mi familia que está en la colonia, hablo más el guaraní. Acá en la ciudad, con los clientes, más el español. El guaraní usamos más bromeando.*”

E.B.E. “*El castellano utilizo más en las situaciones formales o con los extranjeros.*”

E.F.S. “*El castellano se usa en situaciones más formales, tipo en la facultad, en una fiesta. El guaraní por ejemplo, uso con mis amigos, jugando fútbol, etc. Se usa con la gente más conocida. Con un extraño, empezás a hablar en castellano (el primer contacto), después cuando llegas a convivir más con la persona, se usa el guaraní.*”

J.C.A. “*Nosotros, entre los familiares usamos más el guaraní. Y entre los extranjeros se habla más en castellano.*”

L.R.G. “*En clases es puro castellano. El profesor no nos habla en guaraní. Una u otras palabras, pero muy poco. Y en la residencia, el castellano también. Eso me di cuenta. Deje de usar el guaraní. Y se les hablo en guaraní a los demás, es por uno u otro amigo nomás. Ni*

²² As disposições legais com relação à obrigatoriedade do ensino em língua materna.

A Constituição Nacional, em seu artigo 77, dispõe: “O ensino no início do processo escolar se realizará na língua oficial materna do educando. Se instruirá, também, no conhecimento e no emprego de ambos idiomas oficiais da República. No caso das minorias étnicas cuja língua materna não seja o guarani, será possível eleger um dos dois idiomas oficiais”.

A Lei 28/92, em seu artigo 1, estabelece: “É obrigatório o ensino das línguas oficiais, castelhano e guarani, em todos os níveis do sistema educativo paraguaio: primário, secundário e universitário”. (Tradução própria)

todos saben responder. Con los amigos de la facultad, uso también el castellano. Puede ser con una u otra amiga, pero muy poco.”

N.E.L.B. “En realidad el guaraní se usa más entre amigos, entre vecinos, o en el seno familiar. El guaraní es como un idioma que hablás con alguien cuando tenés una cercanía con esa persona. Difícilmente alguien que acaba de conocer a una persona y se va presentar en guaraní. Más a nivel de la casa, del vecindario. Sin embargo cuando te vas a la facultad no se usa. En el trabajo, en cargos ejecutivos, casi nadie habla. Secretaria o vendedoras, usan la lengua. Por ser un idioma oficial, es imposible que se prohíba el uso. El guaraní se aprende con el trato y de a poco con palabras sueltas. Es un idioma muy puro y muy cerrado, se trata de flexibilizar, agregando términos, y se mezcla también con el portugués.”

P.C.M. “Uso más el español en aula y en mis conversaciones formales, con gente extraña por ejemplo; sin embargo, cuando empiezo a tomar confianza o en un ambiente más íntimo (círculo de amigos o parientes) utilizo el guaraní casi en un 100 %.”

V.H.E.V. “El guaraní se usa más por la calle, con los amigos, y el castellano se usa más en el trabajo, por la facultad, algo así. Cuando estamos entre extranjeros hablamos en guaraní para que no entiendan.”

No que diz respeito às situações em que o grupo de pessoas selecionadas utiliza uma ou outra língua, podemos observar quase uma unanimidade nas funções distribuídas a cada uma destas línguas oficiais. Todos os entrevistados estão de acordo ao dizer que o castelhano é a língua utilizada em situações formais, como por exemplo o trabalho, a faculdade. Já o guarani, é a língua que se usa quando se pretende causar algum tipo de humor, (segundo C.M.C.), ou em situações familiares e com amigos. Participantes como B.D., E.F.S. e J.C.A., relacionam ao guarani palavras como “família”, “socializar”, “pessoas conhecidas”. Esta relação nos mostra que a língua indígena, é a língua utilizada na maioria das situações nas quais existe um certo grau de confiança entre as pessoas. Por exemplo, E.F.S., que comenta que se usa com pessoas mais conhecidas. De acordo com estas respostas, concluímos que em um primeiro contato, seja ele formal ou informal, é imprescindível o uso do castelhano, já que o guarani é utilizado quando existe uma relação de maior confiança entre as pessoas. Por exemplo N.E.L.B. diz que é extremamente difícil que pessoas desconhecidas se apresentem em guarani, pois é necessário que já exista um certo grau de intimidade entre as pessoas para que se comuniquem na língua indígena.

De acordo com L.R.G., dificilmente um professor universitário falará em guarani com um aluno, poderá utilizar algumas palavras, mas não na totalidade de sua fala. Em um

momento da resposta afirma que desde que chegou à cidade grande, “deixou de usar o guarani”. A forma como a participante relata este fato, nos mostra que não foi por uma opção que ocorreu, mas sim devido às necessidades. Por sua forma de se expressar, notamos que o acontecimento citado aparece como uma perda de identidade, e foi um processo um tanto quanto inconsciente, pois afirma que “se deu conta” de que já não usava muito a língua, devido às necessidades de comunicação da cidade grande. As falas de A.R. e V.H.E.V. são curiosas porque demonstram que o idioma pode ser também utilizado em situações nas quais as pessoas não querem ser compreendidas, como por exemplo, quando estão entre estrangeiros (V.H.E.V.). Isso nos mostra que o guarani pode muitas vezes ser a língua que impede ou impossibilita o contato. É a língua na qual o paraguaio se “protege” frente a um estrangeiro, sentindo-se totalmente à vontade para sua utilização. O guarani pode ser considerado então, a língua do não-contato, da não-comunicação entre paraguaio – estrangeiro.

Por outro lado, o castelhano é a língua para estabelecer contato com os estrangeiros e fazer comércio, assim como o português, como se verá mais adiante.

Novamente, relacionando ao item 3.1., podemos citar a diglossia presente nas situações linguísticas do Paraguai, mencionada por FISHMAN (1982). De acordo com Meliá (1986) a situação do Paraguai atualmente deve ser considerada como diglossia, pois segundo ele, o castelhano e o guarani não convivem nos mesmos âmbitos com a mesma eficiência. E a esta situação ele classifica como: Variedade alta (língua A – castelhano) e Variedade baixa (língua B – guarani), já que ambas possuem suas funções definidas para determinados âmbitos sociais, como analisado nas respostas acima e até com intencionalidade diferente quando em situação com estrangeiros.

3.4. Sobre quais outras línguas são importantes em uma região de fronteira, e como se deu este aprendizado.

B.D. *“Es necesario, para laburar y socializar, el portugués.”*

C.M.C. *“El portugués por la frontera con Brasil. Trabajando en el centro aprendí el portugués, hablando con los extranjeros.”*

E.B.E. *“Por el hecho de vivir en una ciudad fronteriza por el país vecino Brasil es importante hablar el portugués, por mi parte no manejo muy bien esa lengua, lo entiendo poco aunque la mayoría de los paraguayos denominan más a esa mezcla de lengua lo*

denominamos el ‘portuñol’ portugués-español. En realidad es un aprendizaje que va avanzando, con la gente de la frontera la televisión, etc.”

E.F.S. “Por vivir acá en la frontera con Brasil, el portugués. Lo aprendí por el contacto con personas brasileñas y por la tele.”

J.C.A. “El portugués. Tenemos que hablar porque muchas veces dependemos de Brasil. Tenemos que saber un poco de portugués. De a poco a poco tenemos que procurar aprender. En el centro también hay muchos brasileños que trabajan ahí, entonces se puede aprender.”

L.R.G. “Principalmente el portugués por la frontera con Brasil. Lo aprendí hablar a través de la tele. Solo de ver y oír. Pero la escritura se me hace difícil. Otro tipo de acento, parecido al guaraní (las letras nasales).”

N.E.L.B. “Algún idioma oriental, japonés, chino, coreano, o hindú (hay muchas influencia de los hindúes), el alemán por las colonias, el árabe. Y el portugués, fluido. Del árabe, algunas palabras, por ejemplo dinero (massari), porque yo trabajé con árabes. Y el portugués aprendí por la televisión.”

P.C.M. “Estamos a pocos metros de Foz de Iguasu, por necesidad la lengua portuguesa es vital para la comunicación con nuestros hermanos brasileiros. Me comunico bastante bien oralmente en la lengua portuguesa. El portugués lo aprendí a través de los canales de televisión brasileiros y hablando con los turistas compradores, habida cuenta que trabajé 5 años en el microcentro de Ciudad del Este.”

V.H.E.V. “Y como estamos con Brasil, siempre será el portugués. Lo aprendí de convivir con brasileños, pero más por la televisión, porque acá pasan muchos programas de Brasil.”

De todas as pessoas entrevistadas, nove afirmam que o português se faz muito importante nesta região, devido à fronteira com a cidade de Foz do Iguaçu, no Brasil. Além de que, N.E.L.B. afirma que alguns outros idiomas orientais se fazem importantes na região, devido à grande influência e a forte presença destas nacionalidades no comércio de Ciudad del Este. Também cita o árabe e o alemão, visto que o centro comercial da cidade está repleto de pessoas de nacionalidade ou descendência árabe, e em regiões específicas da cidade, há a presença de colônias alemãs. De todas as pessoas que afirmam falar e entender bem o português, nenhuma comentou em momento algum, haver aprendido o idioma através de uma escola de línguas, ou qualquer outra situação formal de ensino, apesar de que escolas de idiomas que possuem o ensino de Língua Portuguesa estão presentes por todas as partes da cidade. Todas elas mencionam que aprenderam ou através da televisão, visto que há a transmissão de canais brasileiros na cidade, ou através de contato com brasileiros. C.M.C. e

P.C.M. dizem haver aprendido durante o período em que trabalharam no comércio da cidade, onde há um grande contato com brasileiros que ali trabalham, ou vão com o intuito de realizar compras.

O participante B.D. comenta que o português é uma língua importante para que haja a socialização entre paraguaios e brasileiros.

E.B.E., participante nascida em outra cidade, afirma em outro momento da entrevista que vive na localidade há aproximadamente dois anos. Este fator é de extrema importância para que analisemos a “não fluência” desta pessoa no idioma estrangeiro, o português. Em sua fala aparece o termo “mezcla” (mistura) ao referir-se à produção linguística segundo ela, da maioria dos paraguaios da região. Esta mistura, intitulada de *portunhol*, dando indícios de que talvez o português falado na região, não seja o português padrão, que esteja de acordo com a norma culta da língua.

J.C.A. vai um pouco mais além, ao dizer que o português na região tem importância devido à dependência que têm em relação ao Brasil. Podemos inferir que essa relação de dependência se dá pelo comércio, bastante forte na região de fronteira.

Mais um ponto apresentado na entrevista, que nos faz pensar na informalidade do aprendizado do português em Ciudad del Este, é a resposta de L.R.G., quando cita que aprendeu a língua através da televisão, portanto é capaz de falar e compreender, porém, a escrita lhe é bastante difícil, visto que nunca aprendeu formalmente.

É necessário refletir sobre as concepções que os participantes, que se dizem falantes de português também, têm sobre esta língua, visto que a referência que possuem sobre o idioma é, na maioria das vezes, a apresentada pela televisão, em programas de humor, novelas, etc. Muito provavelmente este português, ou *portunhol*, como citado por um dos participantes, sofre fortes influências, sejam elas de cunho fonético, semântico ou sintático, das línguas oficiais do país, neste caso, o castelhano e o guarani. E finalmente, mas não menos importante, devemos atentar-nos para a impossibilidade da escrita, que em muitos casos ocorre. Pelo fato de que não passaram por um ensino sistematizado da língua, esta realidade é bastante pertinente neste contexto de fronteira.

Abaixo apresentamos um quadro que mostra as línguas mencionadas pelos participantes das entrevistas:

Participantes	Línguas mencionadas na entrevista					
	Guarani	Não cita o Castelhana	Português			
A.R.	Guarani	Não cita o Castelhana	Português			
B.D.	Castelhana	Guarani	Português			
C.M.C.	Castelhana	Guarani	Português			
E.B.E.	Castelhana	Guarani				
E.F.S.	Castelhana	Guarani	Português			
J.C.A.	Castelhana	Guarani				
L.R.G.	Castelhana	Guarani	Português			
N.E.L.B.	Castelhana	Guarani	Português	Arabe	Inglês	Mandarim
P.C.M.	Guarani	Português	Castelhana			
V.H.E.V.	Guarani	Castelhana	Português			

3.5. Sobre a opinião de cada entrevistado em relação ao guarani.

A.R. *“Ahora es más importante el guaraní, porque identifica Paraguay como es. Se redujo a 70%. Solamente 30% hablaba en guaraní. Solo la gente del interior. La gente de la ciudad habla al castellano ‘al revés’, no correctamente. Ahora 70% está aprendiendo en el colegio mismo el guaraní. No creo que es una lengua que va a desaparecer. Porque se reconoció que Paraguay es bilingüe.”*

B.D. *“Somos el único país en el mundo con dos lenguas oficiales y debemos conocer ambas para transmitir a las demás generaciones.”*

C.M.C. *“Hoy se le da más importancia al guaraní. No puedo decir que están en el mismo nivel, pero ahora ya se da más valor al guaraní que antes.”*

E.B.E. *“Como cultura paraguaya yo lo veo muy importante porque es nuestra identidad como paraguayos heredada a los hijos aunque muchos lo ven como entorpecedor del castellano y un retroceso.”*

E.F.S. *“Se tiene una discriminación con el guaraní. Porque la gente piensa que por hablar guaraní, tenés un nivel social bajo.”*

J.C.A. *“Las dos lenguas tienen la misma importancia.”*

L.R.G. *“No sabría decir que cantidad de la población habla un u otro idioma. Eso hace que la gente no hable bien los dos idiomas. Para mí que deberían tener la misma importancia, pues son dos oficiales. Pero para que tuviera la misma importancia, la gente debería hablarlo correctamente. Y la gente ya no quiere aprender el guaraní. El castellano exige más de la sociedad actual.”*

N.E.L.B. *“Constitucionalmente el gobierno está tratando de regular el uso del guaraní y tratando de intentar que se exija el uso del guaraní en las escuelas, por ejemplo. La gente está apoyando más el uso. Por ejemplo la cédula ya presenta algunas cosas en guaraní. No puede ser declarado un idioma oficial mientras los documentos no se elaboren en esa lengua. Difícil que desaparezca. A parte porque no solamente en Paraguay se habla. Y ciertamente tenemos muchas comunidades indígenas que están establecidas en el país y no hablan español, solamente el guaraní. Pero es un guaraní más cerrado que el nuestro. Y es un poco complicado de entenderlo.”*

P.C.M. *“Hoy, paradójicamente se enseña la lengua guaraní como materia; sin embargo, actualmente cada día va disminuyendo el porcentaje de jóvenes que hablan nuestra lengua nativa. Antes, en la época de la dictadura, no se enseñaba; pero el número de hablantes de la referida lengua era más alto. A mi criterio, la lengua guaraní es eminentemente oral, y debe enfatizarse su aprendizaje en la propia familia.”*

V.H.E.V. *“Creo que el guaraní a más tiempo va perdiendo importancia. Uno mismo por la vida social que se tiene acá. El castellano se trata de aprender más por el tema para conseguir trabajo, ir a otros lados. Y el guaraní se aprende solo para hablar en situaciones informales.”*

As respostas à pergunta que tentou fazer um panorama de como o paraguaio de Ciudad del Este dá mais ou menos importância à língua indígena hoje dia, foram de certa forma bem diversificadas. Por exemplo A.R. comenta que atualmente o guarani tem mais importância do que em tempos passados. O participante afirma ainda que, as pessoas usam o castelhano “ao contrário”, ou seja, de maneira equivocada. Acredita que a língua não cairá em desuso, devido ao fato de que hoje em dia é ensinada em escolas regulares.

B.D. acredita que é uma língua que deve ser transmitida de pais para filhos, e, segundo ele, esta é a forma de que não desapareça. E.B.E. deixa evidente em sua fala que a língua indígena é extremamente importante, pois representa a identidade do paraguaio como um todo. Em sua resposta também aparece a ideia de que o castelhano não é bem falado, e esclarece que isso se deve à presença do guarani.

Segundo E.F.S. existe ainda hoje uma grande discriminação em relação ao guarani. As pessoas que se utilizam dessa língua, são, na maioria das vezes associadas a pessoas de baixa renda, devido ao preconceito que permeia esta realidade. L.R.G. acredita que o fato de que o país seja bilíngue, acarreta no mau uso tanto de uma, quanto de outra língua. Afirma que ainda que ambos sejam oficiais, ainda não têm a mesma importância. Ainda segundo a participante, as pessoas não têm tanto interesse em aprender o guarani, visto que o castelhano é a língua que mais exige da sociedade.

P.C.M. assume, como professor universitário que, atualmente se ensina muito mais que antigamente, mas contraditoriamente o número de jovens que se arriscam a falar é bem menor. E que, cada vez mais, os jovens falam menos o guarani.

V.H.E.V. ao responder a esta questão, afirma que acredita que o guarani, com o passar do tempo, vai perdendo sua importância, devido ao fato de que o castelhano ainda impera nas relações profissionais, por exemplo.

Em um momento de conversa informal com uma pessoa que não participou das entrevistas, de aproximadamente 28 anos, de classe média alta, nascida na cidade de Villa Rica, próximo à capital paraguaia, esta afirmou que em seu caso, por exemplo, não aprendeu o guarani com a família propriamente dita, já que seus pais diziam apenas algumas palavras na língua. Esta pessoa afirmou que seu aprendizado com a língua indígena, se deu no convívio com a empregada da casa, já que esta, pessoa mais humilde, apresentava um grande domínio deste idioma, e o transmitia de forma mais natural à pessoa.

Este comentário, nos faz chegar à conclusão de que, realmente há (e havia há duas décadas) uma grande discriminação com a língua, e que seu uso está de certa forma relacionado à classe social, visto que a pessoa deixou claro durante a conversa, que no ambiente familiar não se usava, e que isso se devia de certa forma ao status social.

3.6. Sobre o uso do jopará

C.M.C. *“En periódicos podemos encontrar el jopara (la mezcla). Una oración puede ser dicha la mitad en español, y la mitad en guaraní.”*

N.E.L.B. *“Uso el castellano con más frecuencia, pero también con una mezcla con el guaraní (jopará). A la hora de ejercer la profesión se utiliza el castellano.” / “En un colegio para enseñar, no puedo hablar todo el tiempo en guaraní, porque los libros vienen en castellano. De a poco se va inculcando el guaraní. Ahora se trata de dar un poco más de espacio al guaraní a defensas de tesis por ejemplo. Que parte de la defensa oral tiene que*

estar en guaraní/jopara.” / “Tengo un sobrino de 7 años. Si hablo en jopara con él, él entiende. Cuando los paraguayos quieren hablar de algo que no quieren que los niños entiendan, hablan en guaraní.”

P.C.M. “Hablo ambos idiomas, pero no el guaraní puro, más bien el jopara; a lo cual casi toda la población llama guaraní.”

V.H.E.V. “El guaraní, pero como te dije, se usa mezclado con el castellano. Se usa el guaraní como chiste, pero siempre mezclado, así como el portugués. / Sí, tengo sobrinos. Hay veces que se le habla en guaraní, pero más mezclado. El jopara. No se usa el guaraní puro. ”

Entre as dez pessoas que participaram das entrevistas, somente quatro citaram o termo “jopará”, porém se voltamos e analisamos todas as respostas dadas de todos os participantes, vemos que muitos são nascidos em Ciudad del Este, uma cidade considerada grande e populosa, e há muitos jovens, que possuem entre 17 e 30 anos. Fica então o questionamento, será que realmente falam o guarani, sem interferências externas de outra língua, ou não? É muito provável, dadas as condições (localidade, idade, etc.) que na verdade, a “língua” utilizada seja o jopará, e não o guarani. Está claro que há uma grande idealização do que seria esta língua, pois na prática os falantes não mais a utilizam de forma genuína.

C.M.C., ao ser questionada sobre as línguas presentes em várias formas de mídia, afirma que a língua encontrada nos jornais, é o jopará, que ela mesma intitula de mistura (mezcla). Ao assumir que uma frase pode ser construída metade em guarani e metade em espanhol, mais uma vez fica evidente a forte presença do jopará no dia a dia do paraguaio.

N.E.L.B., ao responder a uma pergunta que fazia referência às línguas faladas, assume que dentre as línguas que fala, está o castelhano, porém com mistura com o guarani, e nomeia também esta mistura de jopará. No decorrer da entrevista, segue mencionando a língua guarani, sem fazer referências à mistura ou qualquer outro termo que remita ao jopará.

Em um momento da entrevista, a questão fazia referência ao maior ou menos uso de ambas as línguas oficiais do país. A participante cita um incentivo no meio acadêmico de que uma parte da apresentação oral da defesa de teses, seja feita na língua indígena. Porém, ao se referir a dita língua, faz uma breve associação ao jopará (guarani/jopará). Isso deixa claro que para tal participante, não há diferença entre uma coisa e outra. Nos dá a impressão que ela, neste momento da entrevista, considera ambas as formas de comunicação, a mesma coisa.

No último momento da entrevista, N.E.L.B., ao dizer que tem um sobrinho, e que sim, fala em guarani com ele as vezes, usa em um momento da fala a palavra “guarani”, e em um segundo momento, a palavra “jopará”. Mais uma vez a participante deixa bastante claro que não as considera como duas coisas distintas, mas sim, como sinônimos, já que em cada momento opta por uma forma específica de se referir às línguas.

É de certa forma um pouco vago considerar uma situação generalizada a partir de uma concepção específica, neste caso, de um só participante da pesquisa. Porém, poderíamos inferir, mesmo que seja somente uma visão ou forma de expressão de uma só pessoa, que em alguns casos, os paraguaios já não diferenciam o guarani do jopará. E um indício disso, é usar ambos termos como sinônimos.

P.C.M. diz, ao ser interrogado sobre as línguas que fala, que possui fluência tanto no castelhano como no guarani, porém de acordo com ele, não fala o guarani “puro”, que entendemos aqui, sem interferências do castelhano. E sim, o jopará que segundo o participante, quase toda a população chama de guarani. A resposta deste participante mais uma vez nos faz pensar que pode ser que as pessoas usem o termo “guarani” de maneira um tanto quanto generalizada, quando pretendem referir-se ao jopará. Ou seja, talvez no momento da enunciação, estejam produzindo algo que já não seja exclusivamente guarani, mas sim outra coisa, composta de elementos da outra língua, o jopará.

O último participante da entrevista, V.H.E.V., ao ser questionado sobre as línguas que fala, cita o castelhano e o guarani, porém, este, “mesclado”, ou seja, misturado com o castelhano. Neste caso, o participante cita a língua indígena, pero logo em seguida afirma que não deixa de lado as interferências hispânicas no momento da fala. Curiosamente, comenta em seguida que esta língua se usa misturada, assim como o português. Nas análises anteriores pudemos chegar a algumas conclusões em relação ao uso também do português em Ciudad del Este. Quase que a totalidade das pessoas entrevistadas, assumiu que fala de maneira fluente, porém sem haver passado por um processo formal de ensino, o português, visto que vivem em uma região de fronteira com o Brasil. Porém, a resposta de V.H.E.V., ao citar que o português é utilizado de maneira misturada, nos faz pensar que talvez este português falado na localidade, não seja o português dentro de padrões normativos, mas sim, uma concepção que têm sobre a língua, de acordo com o que absorvem de meios de comunicação, principalmente a televisão brasileira, que se faz presente, e também através do contato com estrangeiros que estão em grande quantidade e de maneira frequente na cidade, seja a turismo, ou a trabalho, devido à proximidade entre os dois países.

Em uma próxima resposta, o participante ao dizer que fala o guarani com seu sobrinho, ainda criança, explica que o guarani utilizado, é o misturado, ou seja, o jopará. Afirma em seguida, que não se usa a língua indígena de forma “pura” (sem interferências do castelhano). Mas, nesta afirmação, não nos fica muito claro se, o participante quer esclarecer que de forma geral não se usa o guarani sem hispanismos, ou se não costumam usá-lo com a criança. De todos os modos, vemos que, essa criança, aprendendo o yopará desde pequena, muito provavelmente se sentirá futuramente mais segura ao produzir enunciados em jopará que em guarani propriamente dito.

Ao final destas respostas apresentadas, fica um questionamento a ser discutido. Menos da metade dos participantes citaram o jopará durante a entrevista. Este fator pode estar relacionado com o fato de que muitos falantes paraguaios, podem não estar diferenciando o guarani do jopará. Nota-se que em algumas falas, os participantes simplesmente misturam ambos termos, usando-os como sinônimos. Talvez seja porque realmente não diferenciam ambas as coisas, ou também porque os enunciados produzidos atualmente, apesar de que sejam nomeados como guarani, apresentem muitas interferências do castelhano, devido às próprias necessidades de comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São muitas as considerações que podem e devem ser feitas até o presente momento, sobre o trabalho desenvolvido.

Primeiramente, de forma geral, podemos fazer uma breve análise de como se estabelecem de fato, atualmente, as relações linguísticas no Paraguai, e especificamente, em Ciudad del Este. Levando em consideração que o país como um todo possui duas línguas oficiais, o Guaraní e o Castelhana, temos já de antemão a primeira situação. Ambas as línguas são estabelecidas como tal, sendo a língua indígena considerada oficial desde 1992. Porém, este fator não parece ser suficiente para que haja o uso equivalente de ambas as línguas. Pelo contrário. Ambas as línguas possuem seus âmbitos extremamente delimitados. E é neste momento que nos damos conta da situação de Diglossia. Os dois idiomas, apesar de oficiais, não cumprem as mesmas funções dentro da sociedade paraguaia. O Castelhana, língua do colonizador, língua de imposição, é considerada a língua de maior prestígio, visto que está presente nos contextos mais formais de relações interpessoais, como por exemplo o trabalho, a escola, a universidade, entre outros. Já o Guaraní, língua materna de grande parte da população, sobrevivente ao tempo e à opressão do espanhol colonizador, é a língua utilizada nos momentos de descontração, entre amigos, familiares, ou até mesmo nas ruas. É a língua da “piada”, da “brincadeira”, como muitas vezes foi citado nas falas dos participantes da entrevista. Além de ser também, a língua que impossibilita o contato com o estrangeiro, e que ao mesmo tempo, demonstra a identidade paraguaia, sendo mantida por alguns ainda hoje, como um tesouro que deve ser transferido de pai para filho.

Devido a estas divisões, fica bastante clara a relação diglósica, entre línguas de maior e menor prestígio, Variedade Alta – A, ou Variedade Baixa – B, respectivamente. Como citado anteriormente, por Meliá (1986), quando afirma que a situação do país atualmente não pode ser considerada como bilinguismo, pois para ele, ambas as línguas não são utilizadas com a mesma eficiência, portanto, classifica a situação como diglossia.

Além das línguas oficiais do país, devemos levar em conta também a questão da Língua Portuguesa, que aparece na situação de fronteira. Podemos afirmar que a relação diglósica entre as línguas se estende também ao português que, assim como o guaraní, ocupa um lugar de língua para comunicação não formal, porém, para fins específicos (comércio). Aparentemente há uma divisão de funções atribuídas a cada uma das línguas: guaraní, língua materna e informal; castelhana, língua formal e acadêmica; português, língua para fim específico (comércio).

Através de uma análise parcial dos dados obtidos, e do aporte teórico utilizado, pudemos identificar como se dá, a relação de diglossia no Paraguai. Com o apoio das entrevistas, pudemos observar as situações de uso de determinadas línguas na região de Ciudad del Este, sejam elas oficiais ou não. Observamos também como estas pessoas selecionam a língua adequada para cada situação, e como elas se veem perante as mesmas. É nítido o domínio do castelhano, considerado como língua A, sobre o guarani, língua B, visto que a língua indígena ainda hoje tem seu uso restrito em alguns âmbitos, como por exemplo, situações mais formais, de trabalho e acadêmicas. Embora ambas línguas estejam presentes no contexto paraguaio, é nítido ver que o castelhano permeia quase que a maioria das situações de convívio no Paraguai, mas um pouco menos nas relações familiares, onde o guarani se faz bastante presente. Porém, é importante citar, como foi apresentado durante as entrevistas, que o guarani ainda hoje é visto como uma língua menor, atrelada a pessoas de baixa renda. E como mostrado nas respostas dos participantes, o guarani, apesar de ser oficial, de fazer parte do Curriculum escolar, passa a nítida impressão de que os jovens cada vez menos querem utilizá-lo, seja por falta de segurança, seja por preconceito propriamente dito.

Em relação ao jopará, pudemos perceber que, todavia, não existem definições que deem conta de expressar o que ele simboliza. Como foi visto ao longo do trabalho, surgem várias definições e classificações, mas o que se pode afirmar é que ele é um resultado de uma mistura, que sofre interferências de duas línguas, o castelhano e o guarani.

É importante nos atentarmos ao fato de que atualmente, muitas pessoas se comunicam, diria eu suficientemente bem, em yopará. De acordo com o que foi constatado ao longo do trabalho, vemos que muitos falantes mencionam o jopará em lugar de guarani, dando a entender que já os consideram como o mesmo produto linguístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ARNOUX, E. Representaciones sociolingüísticas y construcción de identidades colectivas en el Mercosur. In: CELADA, M., FANJUL, A., NOTHSTEIN, S. *Lenguas en un espacio de integración. Acontecimientos, acciones, representaciones*. Buenos Aires: Editora Biblos – investigaciones y ensayos, 2010. p. 17-37.

BOLAÑO, S. Conceptos fundamentales. Problemas de la sociolingüística. Planeación lingüística. In: BOLAÑO, S. *Introducción a la teoría y práctica de la sociolingüística*. México: Editora Trillas, 1982. p. 35 – 50, 64 – 82, 83 – 115.

COHEN, M. Los lenguajes y los grupos sociales. Las lenguas y su dependencia de las relaciones de civilización. In: COHEN, M. *Manual para una sociología del lenguaje*. Madrid: Editora Fundamentos, 1973. p.77 – 142, 179 – 245.

COUTO, H. Jopara: A língua geral paraguaia. *Papia – Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, 1994. P.118 – 123. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/papia> Acesso em 28 de setembro de 2015.

ESCOBAR, A. Lingüística y política. In: *Política Lingüística na América Latina*. Campinas: Editora Pontes, 1988. P. 11-26.

FERNÁNDEZ, F. Bilingüismo. Diglosia. Lenguas en contacto. Lenguas pidgin y lenguas criollas. In: FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editora Ariel, S.A., 1998. p.211 – 224, 225 – 240, 257 – 276, 277 – 294.

FISHMAN, J. La sociología del lenguaje. Algunos conceptos básicos de sociolingüística. Bilingüismo social estable y transitorio. In: FISHMAN, J. *Sociología del lenguaje*. Madrid: Editora Cátedra, 1982. p.33 – 40, 47 – 63, 120 – 136.

HAMEL, R. La política del lenguaje y el conflicto interétnico. In: *Política Lingüística na América Latina*. Campinas: Editora Pontes, 1988. P. 41-73.

LUSTIG, W. Mba'eichapa oiko la guaraní. *Papia – Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, 1996. P. 1 – 20. Disponível em <http://revistas.fflch.usp.br/papia> Acesso em 28 de setembro de 2015.

MELIÁ, B. El guaraní conquistado y reducido: ensayos de etnohistoria. 4º ed. Assunção: 1997.

MELIÁ, B. La crisis del bilingüismo en Paraguay. Disponível em: <http://congresosdelalengua.es/> Acesso em 21 janeiro 2015.

MELIÁ, B. Diglosia en el Paraguay. In: ORLANDI, E. *Política Lingüística na América Latina*. Campinas: Editora Pontes, 1988. P. 111-119.

NIRO, M. El guaraní como lengua oficial: entre el nacionalismo y la integración regional. In: CELADA, M., FANJUL, A., NOTHSTEIN, S. *Lenguas en un espacio de integración. Acontecimientos, acciones, representaciones*. Buenos Aires: Editora Biblos – investigaciones y ensayos, 2010. p. 209-235.

PARAGUAY. La educación bilingüe en la reforma educativa paraguaya. Ministerio de Educación y Cultura. Asunción: 2006

PENNER, H. Se habla. Es guaraní. Es castellano. Nos es castellano. Es guaraní y castellano. No es ni guaraní ni castellano. ¿Qué es? Universidad Católica de Asunción. *Signos Lingüísticos* 5 (janeiro – junho, 2007). P. 45 – 97.

RODRIGUES, A. As línguas indígenas e a constituinte. In: *Política Lingüística na América Latina*. Campinas: Editora Pontes, 1988. P. 105-109.

SOUZA, T. A língua imaginária e a língua fluida: dois métodos de trabalho com a linguagem. In: *Política Lingüística na América Latina*. Campinas: Editora Pontes, 1988. P. 27-40.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO

Encuesta sobre las lenguas habladas en Ciudad del Este, Paraguay.

Nombre:

Edad:

Profesión:

Ciudad donde vive:

Ciudad de origen:

Estudios:

Idiomas:

- 1- ¿Habla el castellano y el guaraní? ¿Cuál de las dos lenguas usa con más frecuencia?
- 2- ¿Cómo aprendió el guaraní?
- 3- ¿Cómo era la enseñanza del guaraní en la escuela? ¿Sabe cómo es actualmente?
- 4- ¿Cree que una de las dos lenguas se usa más? Por qué?
- 5- ¿En cuáles situaciones usa más el castellano, o más el guaraní?
- 6- ¿Por el hecho de vivir en una ciudad de frontera, que otras lenguas cree que sean necesarias para comunicarse en el cotidiano? ¿Habla usted esa (as) lengua (as)?
- 7- (La respuesta a esa pregunta depende mucho de la respuesta a la pregunta anterior) ¿Cómo aprendió usted esas otras lenguas?
- 8- ¿En los programas de la tele, páginas de internet, revistas o periódicos, existe el uso de otras lenguas? O solamente del castellano?
- 9- ¿Sabría decir en que situaciones usas la escritura en guaraní o en castellano?
- 10- ¿Cómo ve la lengua guaraní actualmente? Cree que tiene la misma importancia que la lengua castellana?

ENTREVISTAS

Nombre: A. R.

Edad: 43 años

Profesión: mecánico de motos

Ciudad donde vive: CDE

Ciudad de origen: San Miguel de Iguazú

Estudios: 3 colegial

Idiomas: guaraní, castellano, portugués

1- ¿Habla el castellano y el guaraní? ¿Cuál de las dos lenguas usa con más frecuencia?

El guaraní uso con más frecuencia, porque en Paraguay se usa mucho.

2- ¿Cómo aprendió el guaraní?

Por la convivencia con otros paraguayos y en la escuela también.

3- ¿Cómo era la enseñanza del guaraní en la escuela? ¿Sabe cómo es actualmente?

Sí, siempre había clases de guaraní. Hay diccionarios en guaraní y castellano. Actualmente hay clases con más frecuencia. Es obligatorio en el colegio.

4- ¿Cree que una de las dos lenguas se usa más? Por qué?

Se usa más el guaraní acá. Porque es obligatorio en el colegio, y los niños tienen que aprender el guaraní.

5- ¿En cuáles situaciones usa más el castellano, o más el guaraní?

Cuando estamos hablar de alguien que no puede entender, hablamos el guaraní

6- ¿Por el hecho de vivir en una ciudad de frontera, que otras lenguas cree que sean necesarias para comunicarse en el cotidiano? ¿Habla usted esa (as) lengua (as)?

El portugués. Sí, hablo.

7- (La respuesta a esa pregunta depende mucho de la respuesta a la pregunta anterior)

¿Cómo aprendió usted esas otras lenguas?

Nací en Brasil, y como mis padres son paraguayos, vine a Paraguay, Pero hablo el portugués.

8- ¿En los programas de la tele, páginas de internet, revistas o periódicos, existe el uso de otras lenguas? O solamente del castellano?

Sí. En el diario popular se escribe en guaraní y en castellano. En la tele hay una programación de 4:30 a 5:30 que se habla solo en guaraní. El presentador solo habla en guaraní. Después, a partir de las 5:30 empieza la programación en castellano.

9- ¿Sabría decir en que situaciones usas la escritura en guaraní o en castellano?

Se escribe. En el colegio principalmente. Acá solo se habla, porque hablar es de una forma, y escribir, de otra. Se escribe de una forma, y se lee de otra.

10- ¿Cómo ve la lengua guaraní actualmente? Cree que tiene la misma importancia que la lengua castellana?

Ahora es más importante el guaraní, porque identifica Paraguay como es. Se redujo a 70%. Solamente 30% hablaba en guaraní. Solo la gente del interior. La gente de la ciudad habla al castellano “al revés”, no correctamente. Ahora 70% está aprendiendo en el colegio mismo el guaraní. No creo que es una lengua que va a desaparecer. Porque se reconoció que Paraguay es bilingüe.

11- ¿Tiene hijos/sobrinos chicos? ¿Se usa el guaraní con ellos?

Sí, y hablan en guaraní y castellano.

Nombre: B. D.

Edad: 40

Profesión: Técnico en informática

Ciudad donde vive: Ciudad del Este.

Ciudad de origen: Ciudad del Este

Estudios: 2º año Ciencias de la educación

Idiomas: Guaraní, Castellanos y Portugués

1- ¿Habla el castellano y el guaraní? ¿Cuál de las dos lenguas usa con más frecuencia?

Sí, ambas lenguas. El castellano uso con más frecuencia.

2- ¿Cómo aprendió el guaraní?

Aprendí con mi familia.

3- ¿Cómo era la enseñanza del guaraní en la escuela? ¿Sabe cómo es actualmente?

Era una materia básica, ahora es obligatoria.

4- ¿Cree que una de las dos lenguas se usa más? Por qué?

Sí, depende de la formación familiar.

5- ¿En cuáles situaciones usa más el castellano, o más el guaraní?

El castellano en lo cotidiano, el guaraní para socializar.

6- ¿Por el hecho de vivir en una ciudad de frontera, que otras lenguas cree que sean necesarias para comunicarse en el cotidiano? ¿Habla usted esa (as) lengua (as)?

Sí, es necesario para laburar y socializar, el portugués.

7- (La respuesta a esa pregunta depende mucho de la respuesta a la pregunta anterior)
¿Cómo aprendió usted esas otras lenguas?

A través de amigos y colegas de trabajo.

8- ¿En los programas de la tele, páginas de internet, revistas o periódicos, existe el uso de otras lenguas? O solamente del castellano?

Existe, tales como el inglés, portugués, entre otras.

9- ¿Sabría decir en que situaciones usas la escritura en guaraní o en castellano?

Sí, solo en el estudio como materia.

10- ¿Cómo ve la lengua guaraní actualmente? Cree que tiene la misma importancia que la lengua castellana?

Sí, totalmente. Somos el único país en el mundo con dos lenguas oficiales y debemos conocer ambas para transmitir a las demás generaciones.

Nombre: C. M. C.

Edad: 28 años

Profesión: comerciante

Ciudad donde vive: CDE

Ciudad de origen: CDE

Estudios: 3 año ingeniería comercial

Idiomas: Castellano, guaraní, portugués

1- ¿Habla el castellano y el guaraní? ¿Cuál de las dos lenguas usa con más frecuencia?

Sí, los dos. Uso el español con más frecuencia.

2- ¿Cómo aprendió el guaraní?

Porque desde chiquita, todos hablaban en guaraní conmigo;

3- ¿Cómo era la enseñanza del guaraní en la escuela? ¿Sabe cómo es actualmente?

En el colegio tuvimos clases, después ya no, porque la mayoría ya sabía el guaraní. Actualmente desde la escuela hasta el colegio se tiene clases de guaraní.

4- ¿Cree que una de las dos lenguas se usa más? ¿Por qué?

Sí, el español más en la ciudad, y el guaraní más en la colonia.

5- ¿En cuáles situaciones usa más el castellano, o más el guaraní?

Con mi familia que está en la colonia, hablo más el guaraní. Acá en la ciudad, con los clientes, más el español. El guaraní usamos más bromeando.

6- ¿Por el hecho de vivir en una ciudad de frontera, que otras lenguas cree que sean necesarias para comunicarse en el cotidiano? ¿Habla usted esa (as) lengua (as)?

El portugués por la frontera con Brasil. Hablo y entiendo bien.

7- (La respuesta a esa pregunta depende mucho de la respuesta a la pregunta anterior)
¿Cómo aprendió usted esas otras lenguas?

Trabajando en el centro aprendí el portugués, hablando con los extranjeros.

8- ¿En los programas de la tele, páginas de internet, revistas o periódicos, existe el uso de otras lenguas? ¿O solamente del castellano?

Hay algunos canales, pero pocos. Hay más español, pero en algunos casos hay el uso del portugués y guaraní. En periódicos podemos encontrar el jopara (la mezcla). Una oración puede ser dicha la mitad en español, y la mitad en guaraní.

9- ¿Sabría decir en que situaciones usas la escritura en guaraní o en castellano?

En ningún momento uso la escritura. Solo en la escuela, cuando dábamos el guaraní.

10- ¿Cómo ve la lengua guaraní actualmente? ¿Cree que tiene la misma importancia que la lengua castellana?

Hoy se le da más importancia al guaraní. No puede decir que están en el mismo nivel, pero ahora ya se da más valor al guaraní que antes.

11- ¿Tiene hijos/sobrinos chicos? ¿Se usa el guaraní con ellos?

Sí, tengo sobrinos. Él entiende perfectamente, pues vive en la colonia, y allá se habla más el guaraní.

Nombre: E. B. E.

Edad: 21

Profesión: Operador de Computadoras.

Ciudad donde vive: Ciudad del Este.

Ciudad de origen: Juan E. O'Leary

Estudios: Letras.

Idiomas: Castellano, Guaraní.

1- ¿Habla el castellano y el guaraní? ¿Cuál de las dos lenguas usa con más frecuencia?
Si, hablo ambas lenguas, utilizo más el guaraní dependiendo con la gente con quien esté hablando.

2- ¿Cómo aprendió el guaraní?

El guaraní es mi lengua materna.

3- ¿Cómo era la enseñanza del guaraní en la escuela? ¿Sabe cómo es actualmente?

En la escuela en mi época se le daba más importancia al castellano, actualmente se ha revertido un poco y se ha dado un aumento a la enseñanza del guaraní en las instituciones.

4- ¿Cree que una de las dos lenguas se usa más? Por qué?

Para ser más exactos se habla más el bilingüe, el paraguayo habla más el “*jopara*” (mezcla).

5- ¿En cuáles situaciones usa más el castellano, o más el guaraní?

El castellano utilizo más en las situaciones formales o con los extranjeros.

6- ¿Por el hecho de vivir en una ciudad de frontera, que otras lenguas cree que sean necesarias para comunicarse en el cotidiano? ¿Habla usted esa (as) lengua (as)?

Por el hecho de vivir en una ciudad fronteriza por el país vecino Brasil es importante hablar el portugués, por mi parte no manejo muy bien esa lengua, lo entiendo poco aunque la mayoría de los paraguayos denominan más a esa mezcla de lengua lo denominamos el “*portuñol*” portugués-español.

7- (La respuesta a esa pregunta depende mucho de la respuesta a la pregunta anterior)
¿Cómo aprendió usted esas otras lenguas?

En realidad es un aprendizaje que va avanzando, con la gente de la frontera la televisión, etc.

8- ¿En los programas de la tele, páginas de internet, revistas o periódicos, existe el uso de otras lenguas? ¿O solamente del castellano?

En los medios de comunicación y en las redes sociales, internet el conocimiento y uso de otras lenguas es más globalizado.

9- ¿Sabría decir en que situaciones usas la escritura en guaraní o en castellano?

En cuestión de escritura utilizo más el castellano, el guaraní lo utilizo menos en situaciones de comodín, bromas o descomposturas lo utilizo.

10- ¿Cómo ve la lengua guaraní actualmente? ¿Cree que tiene la misma importancia que la lengua castellana?

Como cultura paraguaya yo lo veo muy importante porque es nuestra identidad como paraguayos heredada a los hijos aunque muchos lo ven como entorpecedor del castellano y un retroceso.

Nombre: E. F. S.

Edad: 23

Profesión: estudiante

Ciudad donde vive: CDE

Ciudad de origen: Itakyry

Estudios: 4 año derecho UNE

Idiomas: Castellano, portugués y guaraní

1- ¿Habla el castellano y el guaraní? ¿Cuál de las dos lenguas usa con más frecuencia?

Sí, las dos lenguas. Uso el castellano con más frecuencia.

2- ¿Cómo aprendió el guaraní?

En la escuela, en la convivencia con otras personas, en la calle. Escuché por primera vez en la escuela, con los otros niños.

3- ¿Cómo era la enseñanza del guaraní en la escuela? ¿Sabe cómo es actualmente?

Había clases de guaraní, pero se daba más importancia al castellano. Actualmente se intenta dar más importancia al guaraní, para emparejar las dos lenguas. Más que anteriormente. El objetivo es que las dos lenguas estén en el mismo nivel.

4- ¿Cree que una de las dos lenguas se usa más? ¿Por qué?

Sí, el castellano. Se tiene una discriminación con el guaraní, o sea, si hablas el guaraní, tenés un nivel social más bajo, y si hablás castellano es porque tenés un nivel social más alto.

5- ¿En cuáles situaciones usa más el castellano, o más el guaraní?

El castellano se usa en situaciones más formales, tipo en la facultad, en una fiesta. El guaraní por ejemplo, uso con mis amigos, jugando fútbol, etc. Se usa con la gente más conocida. Con un extraño, empezas a hablar en castellano (el primer contacto), después cuando llegas a convivir más con la persona, se usa el guaraní.

6- ¿Por el hecho de vivir en una ciudad de frontera, que otras lenguas cree que sean necesarias para comunicarse en el cotidiano? ¿Habla usted esa (as) lengua (as)?

Por vivir acá en la frontera con Brasil, el portugués. Entiendo y hablo más o menos.

7- (La respuesta a esa pregunta depende mucho de la respuesta a la pregunta anterior)

¿Cómo aprendió usted esas otras lenguas?

Por el contacto con personas brasileñas y por la tele.

8- ¿En los programas de la tele, páginas de internet, revistas o periódicos, existe el uso de otras lenguas? ¿O solamente del castellano?

En portugués hay cosas que se usan. En casi todos los canales alguna vez, algún presentador habla algo en portugués. No es que el programa sea todo en portugués. Con el guaraní, la misma cosa. Hay canales y programas que son solo en guaraní.

9- ¿Sabría decir en que situaciones usas la escritura en guaraní o en castellano?

Todo se escribe en castellano. Para completar algo, solo vas a ver en castellano.

10- ¿Cómo ve la lengua guaraní actualmente? ¿Cree que tiene la misma importancia que la lengua castellana?

No. Se tiene una discriminación con el guaraní. Porque la gente piensa que por hablar guaraní, tenes un nivel social bajo.

Nombre: J. C. A.

Edad: 56 años

Profesión: comerciante

Ciudad donde vive: CDE

Ciudad de origen: General Artigas

Estudios: 6 grado

Idiomas: Guaraní y castellano

1- ¿Habla el castellano y el guaraní? ¿Cuál de las dos lenguas usa con más frecuencia?

Guaraní y castellano. Las dos se usan iguales. Pero acá se usa más el castellano debido a los estudiantes de la facultad. Pero en mi casa solo se habla en guaraní.

2- ¿Cómo aprendió el guaraní?

En la casa, con la familia cuando niño.

3- ¿Cómo era la enseñanza del guaraní en la escuela? ¿Sabe cómo es actualmente?

Teníamos clases de guaraní. Había libros en guaraní. Hasta ahora no sabría decir.

4- ¿Cree que una de las dos lenguas se usa más? ¿Por qué?

5- ¿En cuáles situaciones usa más el castellano, o más el guaraní?

Nosotros entre los familiares se usa más el guaraní. Y entre los extranjeros se habla más en castellano.

6- ¿Por el hecho de vivir en una ciudad de frontera, que otras lenguas cree que sean necesarias para comunicarse en el cotidiano? ¿Habla usted esa (as) lengua (as)?

El portugués. Tenemos que hablar porque muchas veces dependemos de Brasil. Tenemos que saber un poco de portugués.

7- (La respuesta a esa pregunta depende mucho de la respuesta a la pregunta anterior)
¿Cómo aprendió usted esas otras lenguas?

De a poco a poco tenemos que procurar aprender. En el centro también hay muchos brasileños que trabajan ahí, entonces se puede aprender.

8- ¿En los programas de la tele, páginas de internet, revistas o periódicos, existe el uso de otras lenguas? O solamente del castellano?

Los canales de acá solo hablan en castellanos. Y hay algunos programas que hablan en guaraní.

9- ¿Sabría decir en que situaciones usas la escritura en guaraní o en castellano?

Poco se usa la escritura. Si envías una carta, hay que ser en castellano.

10- ¿Cómo ve la lengua guaraní actualmente? Cree que tiene la misma importancia que la lengua castellana?

Tienen la misma importancia.

11- ¿Tiene hijos/sobrinos chicos? ¿Se usa el guaraní con ellos?

Tengo nietos. Mi nieto habla el castellano ya. Con los niños no hablo, porque no van a entender.

Nombre: L. R. G.

Edad: 17 años

Profesión: estudiante

Ciudad donde vive: CDE

Ciudad de origen: Ñacunday

Estudios: 1 semestre ingeniería eléctrica

Idiomas: castellano, guaraní y portugués

1- ¿Habla el castellano y el guaraní? ¿Cuál de las dos lenguas usa con más frecuencia?

Sí, las dos lenguas. Anteriormente, estando por mi pueblo, usaba más el guaraní para comunicarme con mis vecinos y mis amigos. Pero me doy cuenta que por CDE se utiliza menos, entonces hablo más en castellano. En mi pueblo se habla el castellano, pero más el guaraní.

2- ¿Cómo aprendió el guaraní?

Escuchando, y en la escuela se nos enseñó. En mi casa también. Mi mamá habla menos porque vino de otra ciudad del país, pero en el interior se habla con más frecuencia el guaraní.

3- ¿Cómo era la enseñanza del guaraní en la escuela? ¿Sabe cómo es actualmente?

Era buena. Se enseñaba desde el principio, el abecedario, los números, como expresarse, el nombre de las cosas. Pero hasta ahora no se consiguió que la escuela aprendamos el guaraní que hablaban nuestros ancestros. Se habla el guaraní jopara, la mezcla. En la facultad actualmente ya no se utiliza. En el colegio, 2 años nada más. En la escuela si damos los 3 años, y eso. Muy poco. Solamente noto que se habla más en el interior del país. Y las personas más humildes usan más el guaraní. El castellano es un idioma difícil. Nosotros ya no hablamos el guaraní correcto, y tampoco el castellano correcto. El guaraní en mi opinión, hace con que nosotros hablemos mal el castellano. Hablar el castellano con una persona que vive en el interior del país es complicado. O no va entender, o va a mezclar con el guaraní.

4- ¿Cree que una de las dos lenguas se usa más? ¿Por qué?

Sí. En distintos puntos del país. Solemos ver noticias en el Chaco, y directamente se habla en guaraní. El periodista le pregunta en castellano y la persona contesta en guaraní. En la facultad, las personas con más estudio (no quiero decir que el guaraní es el idioma de los pobres, pero eso pasa, y de eso me doy cuenta).

5- ¿En cuáles situaciones usa más el castellano, o más el guaraní?

En clases es puro castellano. El profesor no nos habla en guaraní. Una u otras palabras, pero muy poco. Y en la residencia, el castellano también. Eso me di cuenta. Dejé de usar el guaraní. Y se les hablo en guaraní a los demás, es por uno u otro amigo nomás. Ni todos saben responder. Con los amigos de la facultad, uso también el castellano. Puede ser con una u otra amiga, pero muy poco.

6- ¿Por el hecho de vivir en una ciudad de frontera, que otras lenguas cree que sean necesarias para comunicarse en el cotidiano? ¿Habla usted esa (as) lengua (as)?

Principalmente el portugués por la frontera con Brasil. Hablo y entiendo el portugués.

7- (La respuesta a esa pregunta depende mucho de la respuesta a la pregunta anterior)
¿Cómo aprendió usted esas otras lenguas?

Lo aprendí hablar a través de la tele. Solo de ver y oír. Pero la escritura se me hace difícil. Otro tipo de acento, parecido al guaraní (las letras nasales).

8- ¿En los programas de la tele, páginas de internet, revistas o periódicos, existe el uso de otras lenguas? ¿O solamente del castellano?

Del guaraní en el diario popular. Allá se utiliza la mezcla entre el castellano y el guaraní. Hace con que la noticia sea cómica. Las personas que critican dicen que es un diario vulgar. En la tele hay un programa que pasa a las 5 de la mañana. El señor solo habla en guaraní. Es un programa de cultura. Hay otro también los domingos. Pero el presentador hace la mezcla entre castellano y guaraní. Es para que las personas del interior aprendan el castellano.

9- ¿Sabría decir en que situaciones usas la escritura en guaraní o en castellano?

En la facultad nunca la usé. He visto que nada se escribe en guaraní. Se usa un poco en mensajes de textos, las palabrotas (porque es más pesado decir en guaraní, y suena más simpático algunas veces). Algunas veces en las redes sociales, pero muy poco.

10- ¿Cómo ve la lengua guaraní actualmente? ¿Cree que tiene la misma importancia que la lengua castellana?

No sabría decir que cantidad de la población habla un u otro idioma. Eso hace que la gente no hable bien los dos idiomas. Para mí que deberían tener la misma importancia, pues son dos oficiales. Pero para que tuviera la misma importancia, la gente debería hablarlo correctamente. Y la gente ya no quiere aprender el guaraní. El castellano exige más de la sociedad actual.

11- ¿Tiene hijos/sobrinos chicos? ¿Se usa el guaraní con ellos?

Tengo un hermano de 12 años. Él siempre fue muy guarango (habla mucho el guaraní). El castellano le cuesta.

Nombre: N. E. L. B.

Edad: 30 años

Profesión: periodista

Ciudad donde vive: CDE

Ciudad de origen: Asunción

Estudios: Ciencias de la comunicación, especialización didáctica universitaria

Idiomas: Español, guaraní, portugués e inglés intermedio

1- ¿Habla el castellano y el guaraní? ¿Cuál de las dos lenguas usa con más frecuencia?

Sí, ambos. Uso el castellano con más frecuencia, pero también con una mezcla con el guaraní (jopará). A la hora de ejercer la profesión se utiliza el castellano.

2- ¿Cómo aprendió el guaraní?

En la casa en los tratos con los padres. Generalmente el paraguayo aprende más en la casa. Es algo innato. Si o si alguien aprende, o porque hablan los padres, o los tíos, o los abuelos.

3- ¿Cómo era la enseñanza del guaraní en la escuela? ¿Sabe cómo es actualmente?

En realidad no se da un enfoque muy profundo al guaraní. Se empieza por el abecedario, y se enfoca más en las tradiciones. Abecedario, saludos, leyendas, mitos, folklores, tradiciones, y así se va formando un vocabulario. Nadie sabe hablar correctamente, y se va perfeccionando con los relacionamientos. Actualmente yo no sé cómo es. Si no me equivoco, se profundiza más lo que es el vocabulario en sí, no solo tradiciones, folklore. Se va más por el lado de lo que te va a servir en el campo laboral por ejemplo. En mi época había materiales escritos por paraguayos. Pero actualmente no sabría decirte.

4- ¿Cree que una de las dos lenguas se usa más? ¿Por qué?

Creo que se usan ambas. Más de acuerdo al rol que uno cumple. En un colegio para enseñar, no puedo hablar todo el tiempo en guaraní, porque los libros vienen en castellano. De a poco se va inculcando el guaraní. Ahora se trata de dar un poco más de espacio al guaraní a defensas de tesis por ejemplo. Que parte de la defensa oral tiene que estar en guaraní/jopara.

5- ¿En cuáles situaciones usa más el castellano, o más el guaraní?

En realidad el guaraní se usa más entre amigos, entre vecinos, o en el seno familiar. El guaraní es como un idioma que hablas con alguien cuando tenes una cercanía con esa persona. Difícilmente alguien que acaba de conocer a una persona y se va presentar en guaraní. Mas a nivel de la casa, del vecindario. Sin embargo cuando te vas a la facultad no se usa. En el trabajo, en cargos ejecutivos, casi nadie habla. Secretaria o vendedoras, usan la lengua. Por ser un idioma oficial, es imposible que se prohíba el uso. El guaraní se aprende con el trato y de a poco con palabras sueltas. Es un idioma muy puro y muy cerrado, se trata de flexibilizar, agregando términos, y se mezcla también con el portugués.

6- ¿Por el hecho de vivir en una ciudad de frontera, que otras lenguas cree que sean necesarias para comunicarse en el cotidiano? ¿Habla usted esa (as) lengua (as)?

Algún idioma oriental, japonés, chino, coreano, o hindú (hay muchas influencia de los hindúes), el alemán por las colonias, el árabe. Y el portugués, fluido.

7- (La respuesta a esa pregunta depende mucho de la respuesta a la pregunta anterior)
¿Cómo aprendió usted esas otras lenguas?

Del árabe, algunas palabras, por ejemplo dinero (massari), porque yo trabajé con árabes. Y el portugués aprendí por la televisión.

8- ¿En los programas de la tele, páginas de internet, revistas o periódicos, existe el uso de otras lenguas? ¿O solamente del castellano?

Sí. Porque por ejemplo, en el centro, la mayoría de letreros, muchos siempre estuvieron escritos en portugués. Hasta que existió una resolución municipal de que justamente por conservar nuestra identidad y respetar nuestros idiomas deberían retirar esos letreros y cambiarlos al español o guaraní. Existen artículos completos en guaraní, no muchos, porque hay pocos profesionales que se dedican a escribir en guaraní.

9- ¿Sabría decir en que situaciones usas la escritura en guaraní o en castellano?

Sólo en un examen en guaraní. Por mensaje de texto, pero es muy difícil. Inicialmente tenía una forma, y actualmente tiene otra forma, por eso se escribe mal. Y además es una lengua totalmente oral. Pero existen escritos en guaraní. La música y la poesía.

10- ¿Cómo ve la lengua guaraní actualmente? ¿Cree que tiene la misma importancia que la lengua castellana?

Sí, justamente porque constitucionalmente el gobierno está tratando de regular el uso del guaraní y tratando de intentar que se exija el uso del guaraní en las escuelas, por ejemplo. La gente está apoyando más el uso. Por ejemplo la cédula ya presenta algunas cosas en guaraní. No puede ser declarado un idioma oficial mientras los documentos no se elaboren en esa lengua. Difícil que desaparezca. A parte pq no solamente en Paraguay se habla. Y ciertamente tenemos muchas comunidades indígenas que están establecidas en el país y no hablan español, solamente el guaraní. Pero es un guaraní más cerrado que el nuestro. Y es un poco complicado de entenderlo.

11- ¿Tiene hijos/sobrinos chicos? ¿Se usa el guaraní con ellos?

Tengo un sobrino de 7 años. Se habla muchísimo. Pero más que en la escuela, con los vecinitos, Es una lengua más hablada por personas humildes. Los chicos van escuchando lo que hablan los vecinos, los padres, los padres de los vecinitos y van agregando a su vocabulario. Son regionalismos. Si hablo en jopara con él, él entiende. Cuando los paraguayos quieren hablar de algo que no quieren que los niños entiendan, hablan en guaraní. Pero los niños captan el mensaje, se dan cuenta de que están hablando de ellos, y se meten en la conversación. En la capital rechazan más el guaraní. Porque tienen la mentalidad de que la lengua es solamente para personas vulgares, y que es un idioma que hace con que el Paraguay tenga errores en el castellano. Es un pensamiento muy común en Paraguay, que el uso del guaraní interfiere en el castellano.

Nombre: P. C. M.

Edad: 43

Profesión: Docente

Ciudad donde vive: Pto. Pdte. Dr. Manuel Franco

Ciudad de origen: Concepción

Estudios: Universitario.

Idiomas: Guaraní – Español - Portugués

- 1- ¿Habla el castellano y el guaraní? ¿Cuál de las dos lenguas usa con más frecuencia?
Hablo ambos idiomas, pero no el guaraní puro, más bien el jopara; a lo cual casi toda la población llama guaraní. En un porcentaje estimativo, hablo 60 % el español y 40 el guaraní.
- 2- ¿Cómo aprendió el guaraní?
Provengo del interior, por lo tanto aprendí hablando.
- 3- ¿Cómo era la enseñanza del guaraní en la escuela? ¿Sabe cómo es actualmente?
En mi época no se enseñaba el guaraní en las escuelas. No tengo mucha certeza porque no estoy en aula en las escuelas o colegios actualmente, sospecho que se enseña como materia, pero no se lo lleva a la práctica; es decir, se estudia pero no se habla.
- 4- ¿Cree que una de las dos lenguas se usa más? ¿Por qué?
Se utiliza más el español porque todos los materiales escritos vienen en la referida lengua y porque se lo enfatiza más en los centros educativos y en los medios periodísticos y redes sociales.
- 5- ¿En cuáles situaciones usa más el castellano, o más el guaraní?
Uso más el español en aula y en mis conversaciones formales, con gente extraña por ejemplo; sin embargo, cuando empiezo a tomar confianza o en un ambiente más íntimo (círculo de amigos o parientes) utilizo el guaraní casi en un 100 %.
- 6- ¿Por el hecho de vivir en una ciudad de frontera, que otras lenguas cree que sean necesarias para comunicarse en el cotidiano? ¿Habla usted esa (as) lengua (as)?
Estamos a pocos metros de Foz de Iguazú, por necesidad la lengua portuguesa es vital para la comunicación con nuestros hermanos brasileros. Me comunico bastante bien oralmente en la lengua portuguesa.
- 7- (La respuesta a esa pregunta depende mucho de la respuesta a la pregunta anterior)
¿Cómo aprendió usted esas otras lenguas?

El portugués lo aprendí a través de los canales de televisión brasileros y hablando con los turistas compradores, habida cuenta que trabajé 5 años en el microcentro de Ciudad del Este.

- 8- ¿En los programas de la tele, páginas de internet, revistas o periódicos, existe el uso de otras lenguas? ¿O solamente del castellano?

En cuanto a tv, existen algunos pocos programas informativos y culturales, pero en horarios poco habituales, el Facebook incorporó no hace mucho tiempo el guaraní; en cuando a revistas existen algunas.

- 9- ¿Sabría decir en que situaciones usas la escritura en guaraní o en castellano?

Acudo a la escritura del guaraní cuando deseo expresar alguna frase jocosa, una expresión muy dulce o fuerte.

- 10- ¿Cómo ve la lengua guaraní actualmente? ¿Cree que tiene la misma importancia que la lengua castellana?

Hoy, paradójicamente se enseña la lengua guaraní como materia; sin embargo, actualmente cada día va disminuyendo el porcentaje de jóvenes que hablan nuestra lengua nativa. Antes, en la época de la dictadura, no se enseñaba; pero el número de hablantes de la referida lengua era más alto. A mi criterio, la lengua guaraní es eminentemente oral, y debe enfatizarse su aprendizaje en la propia familia.

Nombre: V. H. E. V.

Edad: 23 años

Profesión: estudiante

Ciudad donde vive: CDE

Ciudad de origen: CDE

Estudios: 4 año derecho

Idiomas: Guaraní, Castellano, Portugués.

- 1- ¿Habla el castellano y el guaraní? ¿Cuál de las dos lenguas usa con más frecuencia?

Sí, las dos lenguas. El castellano uso con más frecuencia, porque fue la lengua que me enseñaron desde chico.

- 2- ¿Cómo aprendió el guaraní?

Aprendí un poco por la familia, pero más por la calle.

- 3- ¿Cómo era la enseñanza del guaraní en la escuela? ¿Sabe cómo es actualmente?

La enseñanza para mí, que se basaba más en aprender a escribir el guaraní, porque se suponía que ya hablábamos. En la actualidad no sé cómo es, pero creo que sigue la misma cosa, creo que no cambio mucho.

4- ¿Cree que una de las dos lenguas se usa más? ¿Por qué?

Depende. Hay ciudades en que se usa mucho más el guaraní, y otras ciudades en que se usa más el castellano. En CDE se usa mucho más el castellano. Por ejemplo en pueblos más apartados de la ciudad, se usa más el guaraní.

5- ¿En cuáles situaciones usa más el castellano, o más el guaraní?

El guaraní se usa más por la calle, con los amigos, y el castellano se usa más en el trabajo, por la facultad, algo así. Cuando estemos entre extranjeros hablemos en guaraní para que no entiendan.

6- ¿Por el hecho de vivir en una ciudad de frontera, que otras lenguas cree que sean necesarias para comunicarse en el cotidiano? ¿Habla usted esa (as) lengua (as)?

Y como estamos con Brasil, siempre será el portugués. Sí, hablo y entiendo la lengua.

7- (La respuesta a esa pregunta depende mucho de la respuesta a la pregunta anterior)
¿Cómo aprendió usted esas otras lenguas?

De convivir con brasileños, pero más por la televisión, porque acá pasan muchos programas de Brasil.

8- ¿En los programas de la tele, páginas de internet, revistas o periódicos, existe el uso de otras lenguas? ¿O solamente del castellano?

El guaraní, pero como te dije, se usa mezclado con el castellano. Se usa el guaraní como chiste, pero siempre mezclado, así como el portugués.

9- ¿Sabría decir en que situaciones usas la escritura en guaraní o en castellano?

Se usa la escritura, pero más entre amigos. Solamente algunas palabras. Por ejemplo al hablar con algún amigo, al invitarle a algún lado. Por mensajes, redes sociales, etc.;

10- ¿Cómo ve la lengua guaraní actualmente? ¿Cree que tiene la misma importancia que la lengua castellana?

Creo que el guaraní a más tiempo va perdiendo importancia. Uno mismo por la vida social que se tiene acá. El castellano se trata de aprender más por el tema para conseguir trabajo, ir a otros lados. Y el guaraní se aprende solo para hablar en situaciones informales.

11- ¿Tiene hijos/sobrinos chicos? ¿Se usa el guaraní con ellos?

Sí, tengo sobrinos. Hay veces que se le habla en guaraní, pero más mezclado. El jopara. No se usa el guaraní puro. Se le enseña algunas palabras.

12- ¿Cree que el guaraní se puede desaparecer?

Sí, porque como se ve, cada día se desvaloriza más el guaraní.

